



CORPOS QUE RESISTEM

Organizadores

Marijara Souza Queiroz
Andreza Bento de Sousa
Anna Clara Bispo dos Santos
Bruna Geovana dos Reis de Almeida
Caué Dominici de Paula Lopes
Deuzite Santiago da Cunha
Diego Bryan de Jesus Braga
Érika Matheus Cunha
Flavia Fernandes de Morais
Francisco Nacélio Azevedo Carneiro
Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi
Gracy Lima de Oliveira
Guilherme Felipe Viltenburg
Isabelly de Maria Rêgo Lourenço
Leandra Furst Signori Prado
Luna Cristine Nunes da Silva Colazante
Marina Raquel Mendes Santana Costa
Milena Guedes de Rezende
Nayara Thais Dias de Oliveira
Nina Romero Merson
Olga Marmori de Morais
Rafaela Rocha dos Santos
Tereza Larissa Meireles Rosario

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Museologia

Catálogo da exposição

**CORPOS QUE
RESISTEM**

Organizadores

Marijara Souza Queiroz
Andreza Bento de Sousa
Anna Clara Bispo dos Santos
Bruna Geovana dos Reis de Almeida
Cauê Dominici de Paula Lopes
Deuzite Santiago da Cunha
Diego Bryan de Jesus Braga
Érika Matheus Cunha
Flavia Fernandes de Moraes
Francisco Nacélio Azevedo Carneiro
Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi
Gracy Lima de Oliveira
Guilherme Felipe Viltenburg
Isabelly de Maria Rêgo Lourenço
Leandra Furst Signori Prado
Luna Cristine Nunes da Silva Colazante
Marina Raquel Mendes Santana Costa
Milena Guedes de Rezende
Nayara Thais Dias de Oliveira
Nina Romero Merson
Olga Marmori de Moraes
Rafaela Rocha dos Santos
Tereza Larissa Meireles Rosario



Brasília
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C357 Catálogo da exposição Corpos que Resistem [recurso eletrônico] / Marijara Souza Queiroz ... [et al.], organizadores. - Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2023.

128 p. : il., color.

Inclui bibliografia.

Formato PDF.

ISBN 978-65-87555-03-4.

1. Arte brasileira - Catálogos. 2. Minorias sexuais. 3. Marginalidade social. I. Queiroz, Marijara Souza (org.). II. Universidade de Brasília. Curso de Museologia. III. Corpos que Resistem (2022 : Brasília)

CDU 73/76(81)

CATÁLOGO

Catálogo da exposição *Corpos que resistem* © 2023 by Marijara Souza Queiroz; Andreza Bento de Sousa; Anna Clara Bispo dos Santos; Bruna Geovana dos Reis de Almeida; Cauê Dominici de Paula Lopes; Deuzite Santiago da Cunha; Diego Bryan de Jesus Braga; Érika Matheus Cunha; Flavia Fernandes de Moraes; Francisco Nacélio Azevedo Carneiro; Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi; Gracy Lima de Oliveira; Guilherme Felipe Viltenburg; Isabelly de Maria Rêgo Lourenço; Leandra Furst Signori Prado; Luna Cristine Nunes da Silva Colazante; Marina Raquel Mendes Santana Costa; Milena Guedes de Rezende; Nayara Thais Dias de Oliveira; Nina Romero Merson; Olga Marmorini de Moraes; Rafaela Rocha dos Santos; Tereza Larissa Meireles Rosario is licensed under Attribution 4.0 International.



A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos Organizadores.

Universidade de Brasília

Faculdade de Ciência da Informação

Curso de Museologia

Campus Darcy Ribeiro, Biblioteca Central. CEP: 70297-400, Brasília/DF, Brasil.

Site: <http://www.fci.unb.br/>. E-mail: museologia@unb.br

Organização

Marijara Souza Queiroz
Andreza Bento de Sousa
Anna Clara Bispo dos Santos
Bruna Geovana dos Reis de Almeida
Cauê Dominici de Paula Lopes
Deuzite Santiago da Cunha
Diego Bryan de Jesus Braga
Érika Matheus Cunha
Flavia Fernandes de Moraes
Francisco Nacélio Azevedo Carneiro
Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi
Gracy Lima de Oliveira
Guilherme Felipe Viltenburg
Isabelly de Maria Rêgo Lourenço
Leandra Furst Signori Prado
Luna Cristine Nunes da Silva Colazante
Marina Raquel Mendes Santana Costa
Milena Guedes de Rezende
Nayara Thais Dias de Oliveira
Nina Romero Merson
Olga Marmorini de Moraes
Rafaela Rocha dos Santos
Tereza Larissa Meireles Rosario

Fotos

Andreza Bento de Sousa
Anna Clara Bispo dos Santos
Cauê Dominici
Diego Bryan Braga
Érika Matheus Cunha
Flavia Fernandes de Moraes
Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi
Gracy Lima de Oliveira
Marina Raquel Mendes Santana Costa
Milena Guedes de Rezende
Nina Romero Merson
Rafaela Rocha

Revisão

Flávia Fernandes de Moraes
Olga Marmorini de Moraes
Clarice Concé

Diagramação

Clarice Concé

Textos

Clóvis Carvalho Britto
Marijara Souza Queiroz
Olga Marmorini de Moraes

EXPOSIÇÃO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Henrique Hueva Unternbäumen

Decana de extensão - DEX

Olgamir Amancia

DIRETORIA DE DIFUSÃO CULTURAL - DEX

Diretora da DDC

Flávia Montoyama Nacrita

Coordenadora das CUCs

Roselir Nascimento

FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diretor

Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Vice-diretor

Rogério Henrique de Araújo Júnior

Coordenadora de extensão

Marijara Souza Queiroz

CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora

Luciana Magalhães Portela

Orientadora

Marijara Souza Queiroz

Curadoria

Andreza Bento de Sousa

Anna Clara Bispo dos Santos

Bruna Geovana dos Reis de Almeida

Cauê Dominici de Paula Lopes

Deuzite Santiago da Cunha

Diego Bryan de Jesus Braga

Érika Matheus Cunha

Flavia Fernandes de Moraes

Francisco Nacélio Azevedo Carneiro

Giovanna Chaves da Silva

Zanfranceschi

Gracy Lima de Oliveira

Guilherme Felipe Viltenburg

Isabelly de Maria Rêgo Lourenço

Leandra Furst Signori Prado

Luna Cristine Nunes da Silva Colazante

Marina Raquel Mendes Santana Costa

Milena Guedes de Rezende

Nayara Thais Dias de Oliveira

Nina Romero Merson

Olga Marmorini de Moraes

Rafaela Rocha dos Santos

Tereza Larissa Meireles Rosario

A curadoria, produção e montagem da exposição foram desenvolvidas pelo Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB) por meio das matrizes curriculares Museologia e Comunicação III e IV, respectivamente, no 1º e 2º semestres de 2022, sob a orientação da Profa. Dra. Marijara Souza Queiroz. É parte, ainda, da Inserção Curricular da Extensão do Curso de Museologia e da Coordenação de Extensão da FCI em parceria com a Diretoria de Difusão Cultural e a Casa de Cultura da América Latina do Decanato de Extensão da UnB.



SUMÁRIO

- 10 Apresentação
- 14 “Seu corpo é uma ocupação” ou quando a exposição museológica corporifica ensino-pesquisa-extensão em defesa das diferenças
Clóvis Carvalho Britto
- 20 Curadoria e narrativas possíveis para uma museologia inclusiva
Marijara Souza Queiroz
- 24 Relato e reflexões de uma curadoria coletiva
Olga Marmori de Moraes
- 34 Uma exposição para adiar o fim do mundo
- 37 Aisha Diéne
- 43 Azul Rodrigues
- 50 Cássia Olivier
- 55 Cauê
- 57 Daniel Ardisson-Araújo
- 62 Eduardo Moraes
- 65 Loreni Schenkel
- 69 Mariana Vidal
- 71 Nat
- 73 Paula Calderón
- 84 Práticas educativas
- 90 Casa de Cultura da América Latina
- 94 Curadores
- 102 Orientadora

103	Debatedores
	<u>Artistas</u>
112	Aisha Diéne
113	Azul Rodrigues
114	Cássia Olivier
115	Cauê
116	Daniel Ardisson-Aaraújo
117	Eduardo Moraes
119	Loreni Schenkel
121	Mariana Vidal
122	Nat
123	Paula Calderón
124	Obras
127	Anexo
128	Referências

APRESENTAÇÃO

Esta é uma exposição concatenada pela turma de Museologia e Comunicação IV, do curso de Museologia, da Universidade de Brasília do segundo semestre do ano de 2022, sob a orientação da professora Dra. Marijara Queiroz, cujo tema orbita à resistência de corpos na necropolítica (conceito emprestado de Achille Mbembe (2022 [2018]), teórico que definiu o desenvolvimento desse processo curatorial e inspirará as linhas que se seguem).

Nos associamos ao chamado “museu emergente” e, assim, temos uma tipologia que favorece a ideia do que é local, cotidiano e, ao mesmo tempo, potente, passível de ser apropriado em prol de uma resistência urgente. Segundo Cury,

O paradigma emergente vê o museu como lugar que promove o diálogo entre o contexto de vida do visitante e aquilo que o museu propõe como experiência de visitação, de forma que os objetivos da visita tornam-se múltiplos e escolhas individuais, os significados são constru es sociais, a experiência museal   simbólica, subjetiva e intersubjetiva, alcança as dimensões ritualísticas e lúdicas, provoca as emo es,   multissensorial e transcende o espaço do museu, o visitante   ativo e aut nomo. (2014, p. 62)

Ou seja, o museu atua na transmissão e media o entre os símbolos e objetos, por meio de uma mensagem curatorial e as apropria es do cotidiano dos indivíduos que o frequentam (CURY, 2005, p. 61). Seja emergente, novo, comunitário, social etc. O fato   que essa exposi o, desde seu projeto mais incipiente no mundo das ideias dos alunos listados e representados por essas páginas, almejou encontrar-se com aquilo que   desviante, plural e, ao mesmo tempo, corriqueiro e capaz de gerar reconhecimento ou identifica o. Para Michel De Certeau (2016 [1993]), a sociedade se constitui justamente nessas negocia es e respostas com rela o a um ponto de referência (nesse caso, a necropolítica), trata-se, exatamente, da circula o de significados e, por último, da própria tentativa de tentar controlar, modificar, atualizar, manipular ou rejeitar tais pontos de referência (nesse caso, por meio do corpo).

Sendo a necropolítica nosso ponto de referência para a constru o desse paradigma emergente, cabe, portanto, explic -lo: se trata da expressão máxima da soberania e se manifesta “no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2022, p. 5), soberania essa que, segundo Mbembe (2022) não se define por uma busca de autonomia popular através de normas gerais, mas, sim, como um instrumento de domina o e massacre que   instrumentalizado e viabilizado por meio da guerra. Mbembe (2022) se apoia na própria no o de biopoder foucaultiana, e a complementa para expressar o

caráter político e legal da morte e, por isso, a necropolítica diz respeito, também, ao estado de exceção e, principalmente, à colonização. É essa circunstância de suspensão política, movida por um terror racista (e aqui tomamos a liberdade de considerar categorias interseccionais) que permite a ascensão da soberania até seu último limite (aquele que estabelece quem pode viver e quem deve morrer), isto é, o massacre se justifica quando acredito que a existência do “outro” é, por si só, uma ameaça. É o que Grada Kilomba (2019) chama de “negação”:

‘Elas/es querem o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os.’ A informação original e elemental - ‘Estamos tomando o que é Delas/es’ - é negada e projetada sobre a/o ‘Outra/o’ - ‘elas/eles estão tomando o que é nosso’ - o sujeito negro [destaque da autora na edição de língua portuguesa] torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. (KILOMBA, 2019, n. p.)

Isso quer dizer que o sujeito “soberano”, aquele da cultura hegemônica, projeta no “outro” as desvirtudes de si e teme, horroriza-se com a sanguinolência e a brutalidade que é a sua própria. É essa negação, na maneira como Kilomba (2019) a define, que justificaria o estado de exceção e a guerra direcionada a corpos específicos. É um mecanismo de desumanização argumentada pelo próprio paradoxo de um discurso que não analisa ou reflete, ele serve a um fim determinado e assim o faz: legalizar e industrializar o mecanismo da morte, para Mbembe (2022), é a síntese entre massacre e burocracia.

O que nos propusemos, enfim, foi mediar esses conceitos para a realidade local e temporal no qual nos encontramos, aproximando nosso projeto curatorial (e museal) do cotidiano e do público que pretendemos alcançar: o brasileiro que vivenciou o projeto político imposto (e, para muitos, pleiteado) nos últimos seis anos, após o golpe político do ano de 2016. Desse modo, fica explícito que identificamos a instauração do estado de exceção e da consolidação da necropolítica: a morte autorizada, legalizada e instrumentalizada, seja na fome e na doença, seja na violência direta..., mas antes que nos deixemos cair na vitimização de sujeitos nada passivos, nossa curadoria preza por manifestações de agência e resistência, queremos contar histórias que subjagam a morbidez da narrativa de corpos dormentes. Afinal,

a ideia de uma subalterna silenciosa pode também implicar a alegação colonial de que grupos subalternos são menos humanos do que seus opressores e são, por isso, menos capazes de falar em seus próprios nomes. (...) No entanto, grupos subalternos - colonizados - não tem sido nem vítimas passivas nem tampouco voluntárias/os da dominação. (KILOMBA, 2019, n. p.)

Em termos práticos, segundo Marijara Queiroz (2016), é necessário que se mude a forma como o discurso da exposição é construído, ou seja, “buscar novas propostas curatoriais que estejam em consonância com as práticas da museologia social” (p. 210) esse processo deve ser apoiado pelo “exercício do olhar, a implementação de atividades solidárias e o respeito às exigências sócio-culturais” (BRUNO, n. d., p. 8). Assim, tentamos nos despir da arrogância acadêmica e da curadoria tradicional para buscar constituir algo que possamos reivindicar como curadoria coletiva, composta por estudantes um tanto enlutados e um tanto ávidos.



“Seu corpo é uma ocupação”

OU QUANDO A EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA CORPORIFICA
ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO EM DEFESA DAS DIFERENÇAS

Clóvis Carvalho Britto¹

O seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Tá sempre em desconstrução
Linn da Quebrada (MULHER, 2017).

O versos que integram o título e a epígrafe deste ensaio integram a letra-manifesto “Mulher”, no vídeo *BlasFêmea*, da multiartista travesti Linn da Quebrada (MULHER, 2017). Seu corpo e suas palavras consistem em performances políticas que podem ser traduzidas na relação ocupação-desconstrução, como reiterou em diversas entrevistas:

Eu uso essa frase como expressão de resistência, o corpo como território a ser ocupado, a ser conquistado, de expressão própria. Eu tive meu corpo proibido a mim mesma durante muito tempo. Sinto que tive meus desejos, meus afetos proibidos a mim, vistos como se fossem um erro, como se eu tivesse de me arrepender por me ser. A partir do momento que vou tomando consciência e espaço dentro do meu próprio corpo, que vou ganhando território dentro de mim mesma, eu sinto que vou me ocupando, ocupando espaços em mim, ganhando esses territórios, tomando bastião de liberdade do meu próprio corpo. Isso é como uma ocupação mesmo, um processo contínuo, ininterrupto. A ocupação tem que sempre estar ativa. Quando uma ocupação deixa de ser ativa, dá margem para que tomem ela, para que ela fique desarticulada. O corpo é um espaço, um território a ser conquistado diariamente, a ganhar territórios e afirmar seu espaço cotidianamente (Linn da Quebrada. In: Pedro SANCHES, 2017, p. 1).

As reflexões de Linn da Quebrada sobre o corpo como território a ser conquistado diariamente evidenciam o corpo como afirmação e resistência, sintetizando o fértil debate explicitado por Nadir Nóbrega Oliveira (2008) quando concebeu o conceito de corpos-sujeitos: “são corpos/sujeitos que contam suas histórias, criando formas, ondulando, deslizando, saltando, girando, excitando, cortando, demonstrando capacidades corporais de tornar presente sua ancestralidade” na mobilização de movimentos construídos a partir “da consciência da existência das marcas da cultura da dominação racial,

[1] Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal. Professor no Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

ferradas, tatuadas nestes corpos, como sinais de subalternidade e estereótipos de submissão” (p. 3). Nesses termos, acredito ser possível ampliar essa leitura para pensar os agenciamentos e resistências dos corpos-sujeitos que foram subalternizados na longa duração a partir de sua luta por visibilidade, autonomia e reconhecimento em diferentes territórios e experiências. Torna-se, assim, a ocupação de corpos-sujeitos-territórios em espaços onde comumente foram interditadas a sua presença, a sua fala e a sua escuta.

Esses debates têm sido gradualmente compreendidos no campo dos museus e das Museologias, em especial na compreensão da potência política, poética e ética dos processos museais e nos delineamentos de Museologias comprometidas com a vida e com a valorização das diferenças. Exemplo dessas transformações consistiu na temática da 17.^a Primavera dos Museus, “Memórias e democracia: pessoas LGBTQ+, indígenas e quilombolas”, que propôs uma revisão das narrativas com o intuito de promover um processo de escuta e reparação e o reconhecimento de que a memória está marcada nos corpos e consiste em elemento fundamental para a construção da democracia.

Em meio a essas escolhas políticas de reconhecer os diferentes corpos-sujeitos que a exposição *Corpos que resistem* também pode ser visualizada em uma perspectiva metalinguística ou metapoética como uma ocupação de corpos-ocupação. Realizada com curadoria de Andreza Sousa, Bruna Geovana, Cauê Lopes, Deuzite Santiago, Diego Braga, Érika Cunha, Flavia Morais, Francisco Carneiro, Gracy Lima, Isabelly Lourenço, Luna Colazante, Marina Costa, Milena Rezende, Nayara Oliveira, Nina Merson, Olga Morais, Rafaela Rocha e Tereza Rosário - discentes do curso de Museologia da Universidade de Brasília - a exposição ocorreu entre os dias 20 de janeiro e 3 de fevereiro de 2023, na Casa da Cultura da América Latina (CAL), em Brasília.

A exposição reuniu mais de quarenta obras de dez artistas - Aisha Diéne, Azul Rodrigues, Cássia Olivier, Cauê, Daniel Ardisson-Araújo, Eduardo Moraes, Loreni Schenkel, Mariana Vidal, Nat e Paula Calderón - entre desenhos, pinturas, fotografias, vídeo e performance. As/os artistas, alguns cujos corpos também expressavam diferentes marcadores sociais da desigualdade/diferença, mobilizaram em suas obras os corpos-sujeitos-territórios que se converteram em minorias e em maioria minorizada e consistiram em espaço de escuta e reverberação do tema da exposição museológica: “O corpo como mecanismo de resistência e agência no contexto da necropolítica”.

Com a orientação da professora Marijara Queiroz, o processo curatorial se pautou na ideia de como os corpos resistem em um contexto marcado pela necropolítica, conceito delineado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) quando evidenciou “as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (p. 71), ou seja, a política como gestão da morte, “[...] instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material

de corpos humanos e populações” (p. 10-11). Portanto, a exposição denunciou as “topografias recalçadas de crueldades” ao sugerir, a contrapelo, como alguns museus, processos museais e Museologias podem ter um compromisso com o necropoder, ao embaralhar “as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (p. 71).

A sua exibição em um contexto em que ainda reverberam as consequências das milhares de mortes em decorrência da pandemia de COVID-19 e de um governo marcado por discursos de ódio e morte evidenciou de modo premente como é necessário Museologias compromissadas com a vida, visibilizando distintas formas de resistência. Nesse aspecto, denotou o modo como as exposições conhecidas como curriculares, realizadas nos cursos de Museologia, também podem contribuir para denunciar ou para reproduzir discursos comprometidos com a necropolítica.

As exposições curriculares integram as histórias e memórias dos Cursos de Museologia do Brasil. Inicialmente formalizadas como proposta metodológica curricular na década de 1970, atravessaram períodos de muitas transformações nos campos da política, da cultura, da educação e dos museus. Como propostas reflexivas e formativas, as exposições curriculares consolidam-se como espaços de construção de diálogos e problematizações entre docentes, discentes e técnicos diante de diversos desafios da profissão de museóloga/museólogo. Através de suas especificidades, as exposições curriculares colocam em pauta os processos de ensino-aprendizagem, os encontros e confrontos indivíduo-coletivo, os diversos pontos de vista da Museologia e suas interfaces com outros campos do conhecimento, a relação com os públicos e as riquezas e dificuldades de iniciativas colaborativas. Ao proporcionarem tamanhas e complexas experiências, permitem aos discentes e docentes transformarem-se profissional e individualmente, por meio de um processo coletivo de criação e diálogo, o qual requer escuta sensível e olhares atentos às problemáticas que atravessam o cotidiano (Júlia MORAES, Thaina COSTA, Vanessa AQUINO, Verona SEGANTINI, 2023, p. 12-13).

Ciente dessas potencialidades é possível considerar que as exposições museológicas realizadas no âmbito dos cursos universitários em Museologia podem se tornar em tradução exemplar do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, explicitado no artigo 207 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), no âmbito das instituições de ensino superior. Nessa leitura, as exposições museológicas traduziriam a relação ensino-pesquisa-extensão, convertendo-se não apenas em uma oportunidade ímpar de experimentação da relação pesquisa e ensino, mas de promover a extensão, reconfigurando as formas tradicionais de produção e transmissão do conhecimento por meio da articulação entre saberes plurais. No caso das exposições curriculares no curso de Museologia da Universidade de Brasília, há alguns anos essa prática tem sido mobilizada como forma de extensionalização

do currículo, nos termos apresentados por Ana Abreu Gomes, Clovis Britto, Deborah Santos e Marijara Queiroz (2022): “assume com ênfase e de forma institucionalizada o compromisso de manter as propostas curatoriais voltadas para a práxis coletiva, participativa e em consonância com as questões sociais que atravessam o sistema de representação cultural (estético e poético), político e social” (p. 200).

Situação que ganhou força na exposição *Corpos que resistem*. A sua realização na Casa da Cultura da América Latina (CAL), um dos espaços que integram o Programa Casas Universitárias de Cultura da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DDC/DEX/UnB) também contribuiu para que a exposição dialogasse com parte expressiva dos corpos representados nas obras de arte, potencializando, ainda mais, a marcação metapoética da proposta. A CAL está inserida no Setor Comercial Sul, uma das localidades de maior ocupação de pessoas em situação de rua em Brasília - muitas vezes inseridas nessa situação em virtude de seus corpos -, população que foi quaduplicada depois da pandemia de COVID-19 (Francisco DUTRA, 2022). Além de visitar a exposição, as pessoas em situação de rua foram convidadas a participar das ações educativas que culminaram com uma roda de conversa sobre os corpos que existem e resistem nessas condições.

De acordo com o decreto que instituiu a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua, Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009, em seu artigo primeiro, parágrafo único, a população em situação de rua consiste no:

[...] o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

Judite Primo e Mário Moutinho (2021), inspirados no pensamento-ação de Paulo Freire, reconhecem que esses corpos, quando articulados em processos insurgentes, são reconhecidos como “corpos-sujeitos, como corpos-políticos que reivindicam o direito à sua plena expressão, que exigem direito de existência” (p. 34), tornando-se corpos-geradores ao “redesenham formas e processos mais democráticos e participativos que reconheçam e expressem palavras, objetos, corpos e saberes dos povos historicamente oprimidos e subalternizados” (p. 34).

A ausência desses corpos-sujeitos ou a reprodução de sua presença apenas como corpos desprovidos de agência é, na maioria das vezes, naturalizada nos espaços universitários e museais, tornando-se urgente a mobilização de esforços visando sua participação como protagonistas na produção e/ou na

recepção de exposições museológicas.² Nessa direção, a proposta da exposição *Corpos que resistem* tensionou a necessidade da presença e da visibilização de um conhecimento situado e corporificado, a extroversão de memórias corporificadas como uma atitude política, ética e poética. Não por acaso, acredito que ela atendeu, de modo contundente, ao chamado de Linn da Quebrada quando confessou que “a arte como um todo nunca foi um espaço receptivo a mim, assim como nenhum outro espaço é receptivo a corpos estranhos como o meu. Eu estou problematizando, para encontrar solução” (A MÚSICA... 2018).

REFERÊNCIAS

A MÚSICA e os corpos políticos, com Linn da Quebrada. **Nexo Jornal**, 17 maio 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>. Acesso em: 24 set. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 5 out 1988.

BRASIL. Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 24 set. 2023.

DUTRA, Francisco. Pandemia faz população em situação de rua quadruplicar no DF. **Metrópoles**, Brasília, 13 maio 2022.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu; BRITTO, Clovis Carvalho; SANTOS, Deborah Silva; QUEIROZ, Marijara Souza. Reflexões sobre a concretização da utopia: percursos e desafios da formação em Museologia na Universidade de Brasília. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro - RJ, v. 15, n. 2, 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo - SP: n-1, 2018.

[2] Como uma das atividades, a equipe da exposição promoveu na CAL, no dia 31 de janeiro de 2022, a Roda de Conversa “A população em situação de rua como público de museus e exposições”, com a participação de Bruna Duarte Santos - Agente Social; da professora Dra. Deborah Silva Santos - Secretária de Direitos Humanos da UnB e professora do Curso de Museologia da UnB; de Joana Basílio - Coordenadora Nacional do Movimento de População de Rua Núcleo DF; de Rogério Barba - Presidente do Instituto Barba na Rua e Conselheiro da Assistência Social; de Theresa Raquel Miranda - Coordenadora Social do Instituto No Setor; além de docentes, discentes e pessoas em situação de rua que compartilharam suas experiências.

MORAES, Júlia Nolasco de; COSTA, Thaina Castro; AQUINO, Vanessa Barroso Teixeira; SEGANTINI, Verona Campos. Apresentação do Dossiê “Exposições Curriculares nos Cursos de Museologia do Brasil: aspectos formativos e experimentais, percursos histórico-metodológicos e desafios contemporâneos”. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 12, n. 23, 2023.

MULHER. Intérprete: Linn da Quebrada. Compositora: Linn da Quebrada. In: PAJUBÁ. Intérprete: Linn da Quebrada. São Paulo: BadSista, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3yCWWia>. Acesso em: 24 set. 2023.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Fogo e trovão expressos no corpo baiano que dança. **Anais do VIII Fazendo Gênero**, Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário. Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (Eds.). **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021.

SANCHES, Pedro Alexandre. Linn das Quebradas. **Farofafá**, 15 maio 2017. Disponível em: <https://farofafa.com.br/2017/05/15/linn-das-quebradas/>. Acesso em 24 set. 2023.

Curadoria e narrativas possíveis para uma museologia inclusiva

Marijara Queiroz¹

Resistir, verbo transitivo indireto ou intransitivo, se refere ao ato de não ceder ao choque de uma matéria contra outra. Como verbo, Resistir estabelece uma inércia resultante de uma ação pois é a matéria/substância que não reage diante de outras. Resistir, porém, quando ação coletiva de corpos/matérias plurais, transforma-se no substantivo feminino Resistência que indica reação. A exposição *Corpos que Resistem*, nesse sentido, é uma ação em reação à política de exclusão, opressão e violência implementada no Governo brasileiro que geriu o país durante a pandemia mundial provocada pela Covid-19 sob a lógica da Necropolítica.

A Necropolítica, de acordo com Achille Mbembe (2018), manifesta-se por meio da expressão máxima da soberania fundamentada no poder e na capacidade de decidir quem matar e quem deixar viver, tendo na mortalidade como principal forma de controle. Neste caso, para o exercício do controle é necessário desenvolver dispositivos de biopoder, que, de acordo com Michel Foucault “é o domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu controle” sobre a pessoa. (FOUCAULT, 1997. apud. MBEMBE, 2018: 5-6). As políticas de guerra ao tráfico e ao terrorismo são dispositivos para adquirir o direito de matar e alcançar soberania. É uma política voltada para o estado de exceção e para a gestão da morte. Portanto, a vida é a principal “implantação e manifestação de poder”. (MBEMBE, 2018: 5). Como resistir é viver e a vida é manifestação de poder, corpos socialmente marcados que resistem à política da morte expressam existências plurais.

No campo das relações raciais, Suely Carneiro (2005) analisa os conceitos de dispositivo e biopoder em M. Foucault para destacar a subordinação racial como mecanismo para a categoria analítica racialidade/biopoder com foco na reprodução de fazeres e subjetividades que geram o epistemicídio educacional e filosófico sustentado pela construção do *Outre* como *Não-Ser* como fundamento do *Ser*. “O epistemicídio tem se constituído no instrumento operacional para a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas” o que resulta no embranquecimento das representações sociais e no pacto do silêncio que nega e invisibiliza a problemática racial. Silenciamentos impostos sobre episódios de racismo cotidiano é o cerne de *Memórias da Plantação de Grada Kilomba* (2019) que revisita os traumas do colonialismo introjetados na memória ancestral.

[1] Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (PPGAV/IDA/UnB). Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV/EBA/UFBA). Bacharela em Museologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Professora Adjunta do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da UnB.

A exposição *Corpos que resistem* partiu de um estudo aprofundado sobre o efeito da política de ódio e opressão sobre a vida das pessoas, sobretudo daquelas socialmente marcadas pelo preconceito e a discriminação contra formas plurais de existir. Na fase de desenvolvimento conceitual da exposição, durante a disciplina de Museologia e comunicação 3 (2022/1), quando foi elaborada proposta de curadoria, questões relacionadas a memórias traumáticas como também às formas de superação de dores por elas provocadas, ganharam relevância na medida em que as ideias para imaginar um futuro ganharam corpo político por meio das obras selecionadas para compor a mostra coletiva que contou com a participação de dez artistas do Distrito Federal ora apresentados neste catálogo.

A curadoria da exposição, desenvolvida de forma coletiva centralizou o corpo como mecanismo de resistência frente ao ódio e ao preconceito; convocou corpos insurgentes como sujeitos plurais para tensionar a realidade e impulsionar um futuro mais criativo e coletivo. A performance de Cássia Oliver, *Mar de Rosas* (2022), apresentada na inauguração da exposição traduz a anestesia de corpos que superam dores para existir. Numa reação gestual, silenciosa e precisa, a artista costura rosas sob os pés e traça seu próprio caminho desenhado por sangue e pétalas vermelhas.

Resistencia se manifesta com magnitude por meio da fotografia de Aisha Diéne que transmite as formas de re/existir de comunidades negras por meio de suas atividades laborais cotidianas, seus ritos e práticas religiosas, saberes e fazeres fundamentados em cosmovivências.

A violência cotidianamente silenciosa está contida nos gestos que marcam, excluem e marginalizam determinados corpos. A obra de Eduardo Moraes apresentada no tríptico em acrílico sobre tela (2018/19) *Até Quando?, Eu/Você e Presente* expressam o autoritarismo, o controle e a violência no enquadramento de mãos, respectivamente, com dedo em riste, em contenção e fechada em punho. Os gestos autoritários se acentuam pela proporção das telas em grande formato que reduz o observador diante do tamanho e do peso da mão. A artista Loreni Schenkel apresentou o díptico feito a partir de tomografias impressas e papel colagem *Quem Cura?* (2022) que imerge de sua própria condição física e psíquica para questionar uma sociedade capacitista.

A exposição *corpos que resistem* surgiu de uma imersão sobre as dores humanas provocadas pela herança colonialista representadas pelas feridas do patriarcado, do racismo, da homofobia, do classismo, do etarismo, do sexismo e outras formas de discriminação social, mas se estruturou na transmutação dessas dores em formas de re-existir e gerar corpos políticos, coletivos, resistentes. A turma de Museologia e comunicação 4 (2022/2) se constituiu como um corpo político em ação a favor das formas plurais de existir de corpos dissidentes e, por meio de chamamento público em edital de seleção, mapeou e reuniu vozes uníssonas em prol de um futuro socialmente inclusivo.

Como professora das disciplinas curriculares Museologia e comunicação 3 e 4 da graduação em Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB) e orientadora das turmas no desenvolvimento das exposições curriculares é possível observar que cada corpo individual posicionado na elaboração da exposição se revisitou na perspectiva da resistência e se levantou diante das opressões e injustiças sociais. Diferente das curadorias que partem de objetos e coleções musealizadas, Corpos que resistem musealiza obras e coleções reveladas à luz do pensamento negro decolonial para convidar artistas e instituições museológicas a refletir sobre a necessidade de revisão de discursos e narrativas colonialistas sobre acervos de museus e espaços de preservação de memória no Brasil.

Refletir sobre a prática produz conhecimentos teóricos e metodológicos que podem retornar para o ensino e a pesquisa, de modo que conduzimos as matrizes curriculares voltadas para a prática de exposições museológicas para o exercício coletivo na elaboração de discursos curatoriais que contemplem o pensamento crítico, político, cultural e artístico na contemporaneidade, bem como da construção participativa de narrativas expográficas. Nesse sentido, artistas e intermediários no agenciamento da exposição participam das decisões técnicas sobre as formas de pautar poética, estética e politicamente questões sensíveis.

Curadoria coletiva é aqui compreendida como o processo de construção do tema central da exposição por meio de discussões e debates acerca de questões trazidas pelo grupo e subsidiadas por leituras e seminários temáticos. A curadoria participativa expande o debate para a sociedade representada por grupos detentores de conhecimentos e práticas referentes ao tema em questão. A participação social pode ser acionada ainda na fase de construção do discurso curatorial, conceito que circunscreve o tema geral da exposição, bem como na designação das narrativas representacionais, metacuradorias sumariamente enunciadas.

O caráter participativo se acentuou nas ações educativas desenvolvidas durante a mostra que foi favorecida pela localização geográfica e focou seus propósitos na inclusão da população em condição de rua no ambiente físico e metafísico, político e poético da arte, uma vez que eles mesmos resistem como corpo individual e coletivo no centro de Brasília, Capital Federal do País. Como público prioritário, uma vez que a Casa de Cultura da América Latina da UnB ocupa uma calçada que abriga pessoas desautorizadas em seu cotidiano a penetrar o espaço da mostra, lideranças de coletivos e organizações estiveram presentes nos debates e nas escutas dessas pessoas que somaram na perspectiva de uma museologia e sociedade mais inclusiva.

Inclusão e Resistência, juntas, rejeitam a ideia de igualdade, uma vez que atuam na expansão das subjetividades de todos os seres vivos capazes de

ampliar o horizonte de possibilidades existencial. Nesse sentido, Ailton Krenak (2020: 49) lembra que é por meio da herança de nossos antepassados que nos identificamos, por isso, “quando despersonalizamos o rio, a montanha” e subtraímos deles os sentidos, “liberamos esse lugar para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista”. Ampliar o horizonte existencial e subir o céu para que não caia sobre nossas cabeças é reconhecer a energia associativa que há na imaginação de um futuro inclusivo.

REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FEUSP, 2005. (Tese de doutorado).

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro - RJ: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2020.

Relato e reflexões de uma curadoria coletiva

Olga Marmori de Morais¹

A curadoria e sua funcionalidade podem ser entendidas e alocadas de diversas formas, do colecionismo informativo ao ato rebelde de comunicar o que é dissidente. Assim, “curar” por si só, não nos diz o suficiente. É necessário envolver os processos curatoriais de contexto e reflexão, submergir em seus resultados, dar chance à história que se pretende contar ali e, principalmente, conhecer aqueles (os curadores) que vos falam. Afinal, a curadoria é, indiscutivelmente, pessoal. Ali estão gostos, vivências e conhecimentos de quem constrói a narrativa; as obras se convertem em ferramentas dos significados que são atribuídos pelo curador, tornando-se argumentos de seu discurso. Segundo Bourdieu (2007),

Os conflitos propriamente estéticos sobre a visão legítima do mundo, ou seja, em última análise, sobre o que merece ser representado e sobre a maneira correta de fazer tal representação, são conflitos políticos (supremamente eufemizados) pela imposição da definição dominante da realidade e, em particular, da realidade social. (p. 69)

Há uma espécie de “gosto legítimo”, segundo a própria concepção de Bourdieu (2007), que permeia a constituição do museu e o que o preenche. O capital simbólico e cultural embutido nessas relações de poder hierarquiza o mundo social e pode se utilizar do museu para legitimar a narrativa dos “vitoriosos”. Isso porque os conflitos estéticos de visão de mundo são conflitos políticos próprios de um sistema que tenta impor a realidade social do dominante (idid., 2007, p. 69). Assim, o curador corrobora ou desafia a hegemonia por meio de seu trabalho indissociavelmente político, afinal, há, nesse ofício, um capital de legitimação. Para Marijara Queiroz (2016), esta é uma questão da museologia social: o enfrentamento dos dogmas e discursos tradicionais em todas as esferas do museu, inclusive na curadoria, criticando, também, a estagnação e omissão conveniente.

Dito isso, pode parecer que o curador está endeusado e coroado: uma figura do olimpo que articula discursos e influencia pessoas ao manipular os sentidos da arte. Entretanto, não é assim que a ação de comunicar funciona, ela é um processo cíclico em que a produção e a recepção interferem uma na outra continuamente. Para Ana Carolina Escosteguy (2009), o produto da comunicação por si só não se justifica sem a recepção; é necessário que ele adentre o mundo social para completar o ciclo. Em outras palavras,

[1] Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O museu formula e comunica sentidos por meio de discursos elaborados a partir de seu acervo. O público, sujeito criativo, redefine o discurso ao interpretar e (re)significar. O público, então, integra o novo discurso em seu cotidiano. (CURY, 2005, p. 79)

Assim, do mesmo modo que o artista perde o monopólio do significado da obra ao expô-la para o mundo, o curador perde a posse do sentido da exposição ao inaugurá-la, isto é, o que o público faz, pensa, interpreta e reinterpreta é impossível controlar. Quem nos garante que as pessoas farão o trajeto planejado? Que lerão nossos textos? Que perceberão nossas intenções da mesma forma que nós? São tantas variáveis quando se encerra a vernissage que o curador se torna dono de nada ou quase nada.

Entre o épico e o mundano, elaborar uma exposição de arte é uma forma de comunicar algo de si. A autoria e a personalidade são elementos essenciais para compreender quem fala e por que fala (ou quem cala e por que cala), quem são os agentes dessa visão de mundo que ocupa as galerias. Desse modo, o curador também carrega a responsabilidade da autoria, afinal, se mobilizamos a arte para convencer, respondemos por essa tentativa, seja qual for a reação do público. Talvez, por tudo isso, pensar curadoria de forma coletiva faça valer alguma diversidade (ainda que restrita por todos os mecanismos excludente das artes, da universidade, dos espaços institucionais etc.) discursiva, ativando mentalidades comunitárias, cooperativas e representativas, ainda que, não necessariamente, ocupemos um espaço alinhado com essas demandas. Assim, assinando a muitas mãos, a curadoria se desmistifica: não se trata mais de um sujeito dominante falando sobre questões alheias a nós, mas de muitos que se mobilizam em prol de seus próprios entendimentos culturais e sociais. Segundo Queiroz (2016), essa é uma forma de “alinhar discursos diversos a partir de um fio condutor, dando origem a um discurso plural, mas preservando a singularidade de cada elemento que o integra” (p. 211). Ainda somos responsáveis pela autoria, mas, dessa forma, falamos de maneira menos autoritária.

Na experiência de *Corpos Que Resistem*, a curadoria assumiu traços ainda mais profundos e pessoais. No primeiro semestre de 2022, o último ano do governo de Jair Bolsonaro, se inicia o processo de pesquisa para a elaboração de uma curadoria coletiva. Espontaneamente, os membros da equipe trouxeram suas necessidades para a concepção incipiente da exposição: violência obstétrica, violência policial, genocídio indígena, LGBTQIA+fobia, entre outros. O que se repetia ali, em cada um dos temas propostos, era a percepção dos anos ameaçadores e violentos que vivíamos, a experiência escancarada de que a vida de uns valia menos que a de outros e, conseqüentemente, a urgência coletiva de estudantes ávidos por dar sentido ao nosso tempo. Os assuntos eram muito familiares a todos e evocavam uma série de relatos pessoais que se acumulavam e se misturavam. Ao final, já não

era possível diferenciar cada uma das temáticas propostas, elas se confundiam, convergindo para um lugar comum: a necropolítica (MBEMBE, 2018).

Tal conceito expressou coletivamente o terror que pairava sobre nós e possibilitou a autoria interseccional de sujeitos heterogêneos que deram voz aos próprios medos, esperanças e mecanismos de sobrevivência (resistência) naquele período. Enfim, definiu-se que o objetivo coletivo era mediar, ancorados pela análise dos dispositivos de biopoder e necropolítica, os discursos que exaltam a potência transformadora da realidade a partir do corpo: sua resistência. Ou seja, instrumentalizar as práticas museológicas em prol dos discursos (e corporalidades) decoloniais, privilegiando trabalhos e produções que nos remetem ao ajuntamento de uma “baixa teoria” (HALBERSTAM, 2020) e que nos auxiliem no convite ao público para reimaginar e se reorganizar socialmente.

A partir daí, algumas premissas curatoriais foram estabelecidas: seria feita uma chamada pública para encontrar os artistas e obras que iriam compor a exposição resultante desses conceitos e reflexões. Isso porque havia a necessidade de que os artistas se identificassem com o tema proposto e, de fato, se sensibilizassem com o processo e o discurso. A intenção e disposição ativa dos artistas era mais uma forma de coletivizar a futura exposição.

Mesmo assim, cabia aos curadores a construção dos argumentos e relações que as obras poderiam expressar. Foram selecionados dez artistas e nem todos os assuntos das primeiras pesquisas do processo curatorial estavam contemplados. Por outro lado, os artistas puderam trazer leituras inesperadas do tema, fazendo-nos lembrar que, ao ganhar o mundo, o discurso do curador é passível de reinterpretações e manipulações. Neste momento, tomamos a liberdade de falar de cada uma desses significados acionados por meio das obras no processo de seleção, mas seguindo a ordem do percurso pensada pelos curadores.

Ao entrar na exposição, à direita, nos deparamos com as obras de Azul Rodrigues, todas envolvidas numa temática comum: são folhas, fruto e semente composta por olhos humanos. Sua inspiração é a origem do guaraná e a artista brinca com as possibilidades de transmutação entre homem e natureza. Assim, ao observarmos as obras, elas nos observam de volta, analisando-nos e perseguindo-nos pelo módulo da galeria. A artista produz um híbrido que evoca a relação do humano com a terra e, conseqüentemente, com o território, nos convertendo numa coisa só, que morre e renasce junta. Nessa forma de ver o mundo, resistir é, também, preservar a autonomia da terra. Logo em seguida, Cauê, por meio de fotografias e fotomontagens, exprime a relação do humano com a natureza na representação de suas extremidades (pés e mãos) que estão constantemente em contato com algo, inclusive com a terra. Os pés que caminham sobre o chão arenoso trazem sentidos de resiliência, um caminhar incessante e sensível. Mais uma vez, é impossível deixar de pensar no

território e na natureza como uma complementação da humanidade e, por isso, nessa pequena sessão, Azul e Cauê traduzem algo da museologia social.

A seguir, Daniel Ardisson-Araújo, no primeiro trio de trabalhos que integra a exposição, causa uma explosão do corpo, desmontando-o em esqueleto, torso, cabeça etc., de uma forma fluida e quase dançante. A vulnerabilidade individualizante exposta ali nos remete ao perecer do corpo e seu fim inevitável. Assim, a resistência não se trataria de longevidade (resistir ao tempo), mas de abraçá-lo enquanto processo cíclico e interminável. Afinal, há coisas do humano menos perecíveis que o corpo. Loreni Schenkel também expõe algo de visceral com a primeira metade de sua obra que tem um corpo composto por minúsculas tomografias que representam o trauma e a fragilidade. Seu trabalho é bastante pessoal e trata de episódios específicos de sua vida: ao lado da silhueta de tomografias, há uma outra feita de tecido; nesse quadro se pendura um trapo branco e, abaixo dele, um amontoado de trapos iguais com uma chupeta repousada em cima. É a representação de sua infância, um trapinho sujo que tinha o cheiro da mãe que acabara de morrer e que, por isso, Loreni mantinha sempre consigo. Ela era uma criança dando vazão ao seu trauma, mas o tio não concordava que aquilo (dormir com um paninho sujo) fosse postura de “moça”. Há, enfim, dois aspectos centrais dessa parte da obra: a criança como sujeito resistente e o machismo mostrando suas primeiras garras na infância. Por fim, o tio queima seu paninho e a obra serve como expurgo do trauma.

A pintura de Mariana Vidal, vermelho sangue para expressar processos agonizantes de automutilação e estranhamento, também evoca a mulheridade como local de resistência: sua angústia é tamanha que arranca o coração do próprio peito, pois ser mulher e crescer mulher é um eterno processo de desumanização e violência. A artista representa sua própria maneira de dar o basta e assumir o controle do sofrimento imposto a ela. Algo semelhante é explorado por Cássia Olivier ao costurar rosas nos próprios pés e caminhar pelos espinhos. A artista brinca com a ideia de que ser mulher é um “mar de rosas” e se fere ao caminhar nesse mar que também é de espinhos. Há, ainda, o sentido de que, para que ela pudesse caminhar em um “mar de rosas”, as mulheres de sua família tiveram de caminhar em espinhos e, hoje, chega sua vez de fazer o mesmo. Ser mulher é uma resistência geracional e inescapável. Havemos todas de andar em nossos mares de rosas.

Nat aprofunda a temática da mulher com sua obra que mostra unhas decoradas na mão de uma mulher negra. A artista traz para a galeria um senso de estética marginalizado politicamente e o legitima ao pintar e expor nas paredes de uma galeria, perfurando o pacto da hegemonia simbólica da arte e da branquitude enquanto discurso e representação dominante. Seu quadro é uma ode às mulheres negras. O trabalho de Aisha Diene, também atravessado pelas questões da negritude, retrata cenas do cotidiano na afrorreligiosidade,

reivindicando novas formas de perceber e organizar o espaço por meio de lógicas dissidentes. Assim como Nat, Aisha representa a resistência do corpo negro que é alvo da necropolítica e suas premissas de omissão e violência. Grada Kilomba (2019) argumenta que é justamente na opressão que se formam as condições da resistência e que a grande potência antirracista está na produção de pessoas negras sobre si, deixando de ser mero objeto da percepção branca para se tornarem sujeitos (institucionalmente) de suas próprias representações, conhecimentos e falas. Ainda sobre racialidade, Paula Calderón traz, novamente, a relação do humano com o território ao representar um mapa de relevos com cores de pele, seu quadro encerra esse trajeto sobre raças e nos associa à terra.

Finalmente, Eduardo Moraes coloca em seus quadros três gestos diferentes, revelando relações humanas que se desenrolam a partir de uma mão estendida, um punho cerrado e um dedo que aponta. Cada um dos quadros pode significar uma imensidão de coisas no universo das relações. O fato é que Eduardo nos desafia a pensar nas outras mãos ocultas ali: as que não vemos nos quadros, mas que respondem aos gestos. A resistência e coletividade estão emaranhadas na forma como iremos nos aproximar ou repelir o próximo.

A curadoria de *Corpos que Resistem* se deixou levar pelo acaso das obras e construiu novas percepções de resistências. Em um contexto de curadoria coletiva, este relato nos conduz por uma jornada significativa de reflexões sobre a complexa interação entre curadores, artistas e público na construção de uma exposição. O relato evidencia que a curadoria não é um ato solitário de imposição de significados, mas sim um processo colaborativo que envolve a diversidade de vozes e perspectivas dos envolvidos. Além disso, ressaltamos que a curadoria é um ato político, capaz de desafiar a hegemonia e dar voz a questões sociais e culturais. A exposição "*Corpos que Resistem*" ilustra como a curadoria coletiva pode tornar visíveis temas urgentes, promover a resistência e amplificar as vozes de diferentes comunidades, contribuindo para uma visão mais inclusiva e plural dos espaços culturais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern e Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre - RS: Zouk, 2007.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica**: Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. 183f. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. Departamento de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

ESCOSTEGUY, A. C. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvi Libanio. Recife – PE: Companhia Editora de Pernambuco – Cepe, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo – SP: n-1 edições, 2018.

QUEIROZ, Marijara Sousa. (META)CURADORIA EM PROCESSOS DE MUSEOLOGIA SOCIAL. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 5, p. 196-212, 2016.



Daniel Ardisson-Araújo
Colagem 215 – Dor 2, 2022
Colagem analógica
29,7 x 21 cm

“Corpos Que Resistem foi a exposição curricular obrigatória da turma de Museologia e Comunicação 4 do segundo semestre de 2022, como discente participei da equipe da Identidade Visual e fui responsável por produzir posts e diagramar a logo a partir da ideia da discente Olga Morais, com a fonte e cores escolhidas pela Prof.^a Marijara e os demais alunos. Também participei da montagem e mediação da exposição, assim posso afirmar que foi uma experiência enriquecedora para meu currículo e que pude aplicar na prática conceitos e técnicas que foram adquiridos ao longo do curso, a colaboração entre os discentes foi fundamental para que o trabalho desenvolvido fosse o mais profissional possível. O lançamento do catálogo só reforça o quanto nos dedicamos para que a nossa exposição que contém um tema sensível e de resistência, transmitisse a importância das lutas sociais e políticas no Brasil. ”

Andreza Bento de Souza

“É simplesmente indescritível o sentimento de se ver um projeto tão bem estruturado se tornando realidade. O trabalho em conjunto foi essencial para que tudo pudesse sair perfeito, e assim o fizemos. Tamanho orgulho sinto em saber que uma turma de graduação conseguiu angariar fundos, elaborar projetos curatoriais, expográficos e educativos, além da produção do nosso catálogo. Tive o imenso prazer de dar entrevistas para propagar a voz da nossa exposição, que teve um sentido tão bonito. Fiz novas amizades, chorei, gargalhei, discutimos e nos resolvemos. Mas, no final, conseguimos! Só tenho a agradecer pela experiência vivida e todo conhecimento agregado que isso me trouxe. Sou grata por poder ter tido contato com tantas diferentes realidades que me trouxeram outras percepções. Foi incrível.”

Anna Clara Bisto dos Santos

"A exposição corpos de resistem foi uma oportunidade de entender todo o processo de elaboração de uma exposição, que até então eu só havia tido contato com a montagem e desmontagem quando era membro de empresa júnior. Em todo o processo feito antes da montagem de exposição pude contribuir na equipe de financeiro, estabelecendo estratégias de arrecadação de recursos que foi um sucesso, arrecadamos o suficiente para além da exposição em si, mas também para a realização de um coquetel de abertura. Não foi um trabalho fácil, mas o trabalho em equipe deixou tudo mais fluido. Cada um pôde trabalhar com o que mais gostava e superar suas dificuldades e isso trouxe um ótimo resultado. Por isso posso afirmar que a exposição ocupou um pequeno espaço na CAL mas foi grandiosa."

Milena Guedes de Rezende

"Durante os semestres do planejamento da exposição Corpos Que Resistem, participei da equipe da identidade visual. Durante este tempo fiquei responsável pelas postagens no Instagram da exposição e a criação de alguns posts e banners. Também participei ativamente da montagem da exposição, que para mim foi uma experiência bastante enriquecedora, pois foi um momento de atuar na prática muito do que aprendemos ao longo da graduação. Durante a exposição atuei como mediadora em algumas das atividades educativas desenvolvidas. Poder participar desta exposição em todas as suas etapas de criação foi uma forma extremamente importante de ter experiência como futura profissional do campo da museologia."

Nina Romero Merson

Uma exposição para adiar o fim do mundo

A necropolítica com seus necrogovernantes e necroapoiadores inundam o mundo real com uma narrativa ficcional de terror, elegem culpados e fazem destes o “outro”, o que é diferente e que assombra pela simples ousadia de existir e ameaçar a hierarquia social da nossa necrossociedade. Afinal, um mundo feito para poucos só pode sobreviver às custas da queda de muitos desses “outros” cuja existência é um empecilho à uniformidade, homogeneidade e unidade, pois carregam estampado em seus corpos o estigma da diversidade: um termo clichê para traçar as margens da norma e banalizar a exclusão dos corpos plurais.

A necropolítica diz respeito, essencialmente, a um projeto político que se baseia na morte, pela guerra declarada, pela omissão ou pela miséria dos sujeitos outros cuja vida é considerada de pouco valor. Tudo isso se justifica por meio do medo generalizado que se alastra como parte do mesmo projeto e se apoia no afloramento do mais nocivo racismo, LGBTQIA+fobia, misoginia, colonialismo e todo o ódio latente que ganha ares de legalidade e escorre pelas ruas, casas e instituições, deixando pelo caminho um rastro e um indício de fim do mundo.

Em *Corpos que resistem*, optamos por contar a outra história da necropolítica: os corpos que não caíram durante as governanças que datam do golpe político de 2016 até o dia 31 de dezembro de 2022, anos em que a resistência foi condição obrigatória da existência. Nesse momento, iniciamos o trabalho de recolher os cacos e, finalmente, velar os corpos e as memórias na esperança de que possamos reimaginar o futuro. É nesse contexto que reunimos as obras dos artistas Aisha Diéne, Azul Rodrigues, Cássia Olivier, Cauê, Daniel Ardisson-Araújo, Eduardo Moraes, Loreni Schenkel, Mariana Vidal, Nat e Paula Calderón, atuantes no Distrito Federal e que representam a insubordinação de corpos e sujeitos plurais para tensionar a realidade presente e impulsionar um futuro mais criativo e coletivo.

Ao terror, nenhuma tolerância.

“Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá de ouvir. Seria forçada/o a um confronto incômodo com verdades ‘Outras’. Verdades negadas, reprimidas, guardadas como segredos.”

Grada Kilomba



1



2

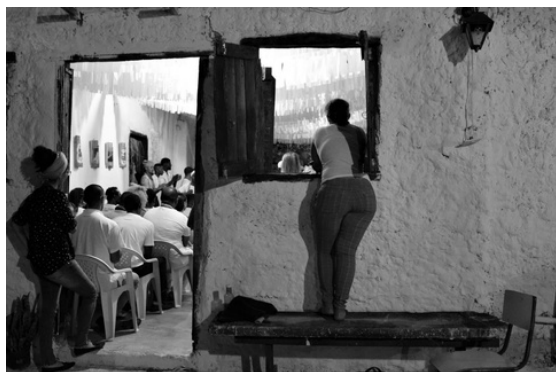
AISHA DIENE

Sobradinho/DF, 1991

Aisha Diéne, ou Lembamueji, é arquiteta, urbanista, antropóloga, mulher preta e de Axé. Sua produção fotográfica enfoca aspectos da negritude e da religiosidade em congruência com os espaços, fazendo emergir um trabalho profundamente relacionado com a sua identidade e, também, seu fazer acadêmico. Assim, Aisha estabelece uma pesquisa focada no cotidiano, capturando aquilo que é sacro e, ao mesmo tempo, trivial. São corpos e silhuetas que marcam lugares de ancestralidade, política e de tudo aquilo que ainda está por vir. As fotografias foram realizadas no Terreiro de candomblé de angola Manzo Ngunzo Kaiango no município de Santa Luzia, região metropolitana da cidade de Belo Horizonte/MG.

"A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou."

Beatriz do Nascimento



3



4

37









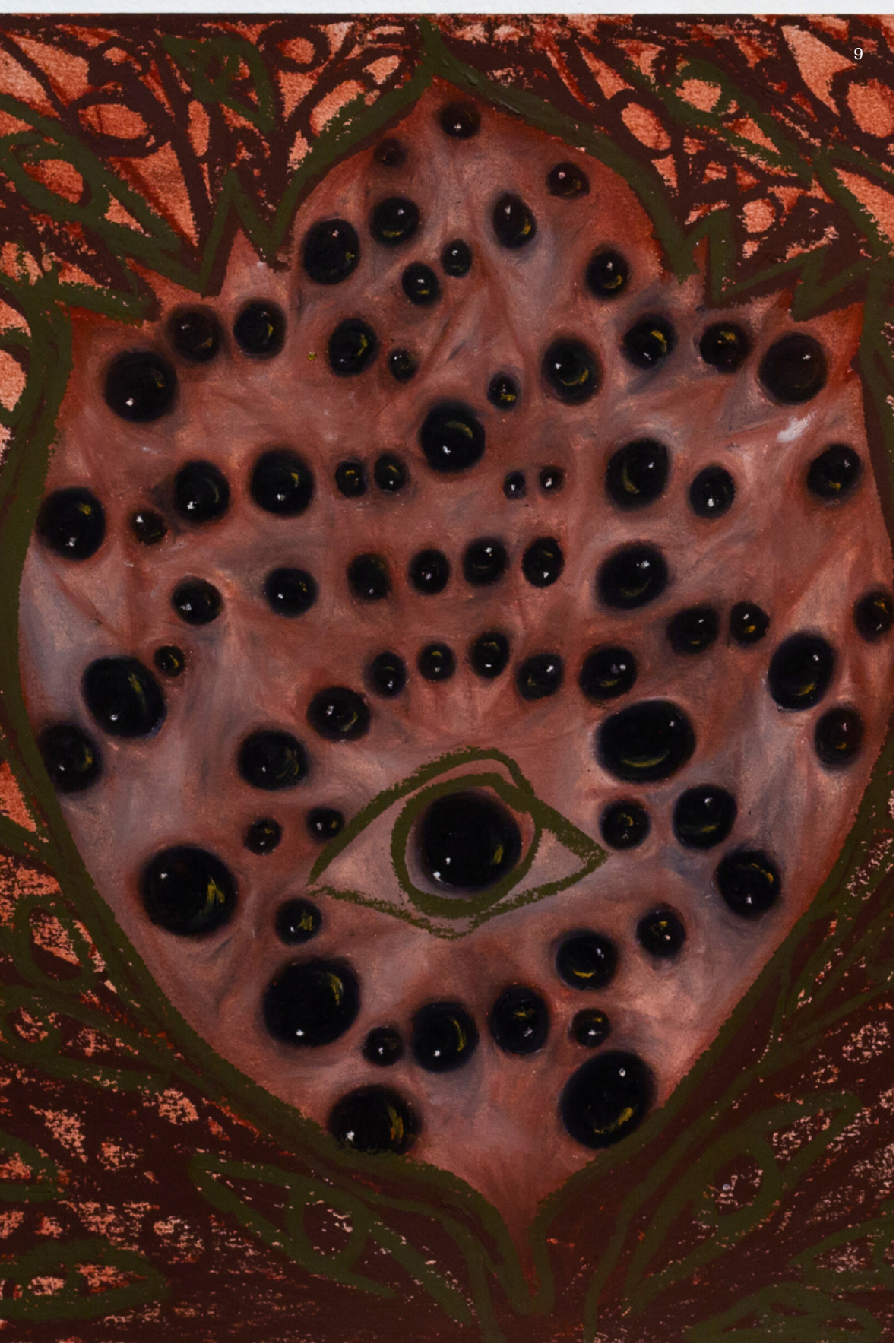
7



8

"Esse território, assim como os demais espaços afrorreligiosos candomblecistas, surgem com a perspectiva de ser, não somente uma grande família, que acolhe, cuida e agrega, mas também, um espaço que possui a função de manter a memória das tradições africanas e daquelas que se originaram da diáspora, como as afro-brasileiras."

Aisha Diene



AZUL RODRIGUES

Mangueiral/DF, 1999

Azul, artista visual e estudante do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), instiga, por meio de suas obras, formas alternativas de compreender o corpo e seus sentidos (ver, ouvir e falar). Seus trabalhos mais recentes são compostos por relações pictóricas entre frutas e olhos, criando um híbrido entre o real e o ficcional e entre o humano e a natureza. Para tal, Azul se inspira na mitologia dos povos originários: a origem do guaranazeiro.

"Me interessa o olho enquanto semente nessa simbologia, semente dotada de devir, força motriz capaz de vir a ser fruto. Esse corpo astral trazido pela mitologia indígena nos coloca diante de uma outra possibilidade de existência, que não aquela que conhecemos por carne, pele e osso. Dessa forma, me atrai essa urgência de ser fruto justamente para ser espírito-planta com propósito de nutrir, ser alimento. Se me enterrarem os olhos, que fruto nasce? De qual gosto? Com qual propósito?"

Azul Rodrigues

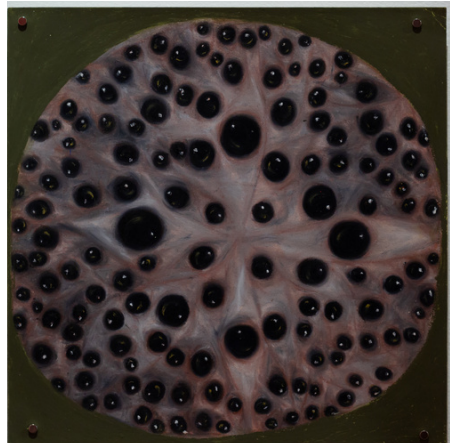




10



11



12

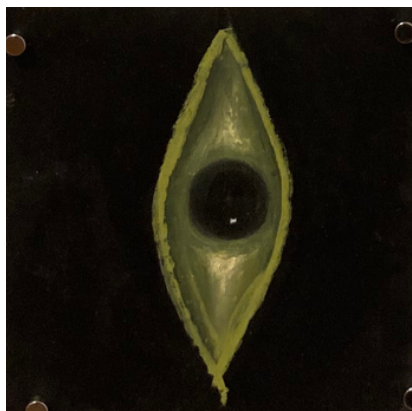




13



14



15







17



18



19



20



21



22

CASSIA OLIVIER

Vicente Pires/DF, 1997

Cássia é artista formada pela faculdade Dulcina de Moraes, seu trabalho varia entre pinturas, instalações, intervenção urbana, fotografias queimadas e, finalmente, performances. Por meio de todas essas mídias, Cássia produz obras de profundo cunho político e feminino em que, na maioria das vezes, seu próprio corpo de mulher é o veículo mobilizador (e mediador) da narrativa.

Em "Mar de rosas", Cássia trabalha a complexidade e ambiguidade de ser mulher. A ideia de um "mar de rosas" nos remete ao sentido comum de algo livre de complicações e sofrimentos, entretanto, a artista caminha sobre espinhos ao simular o atravessamento desse tal "mar de rosas". Costurada e, portanto, condicionada a tal, Cássia representa os espinhos da caminhada ancestral das mulheres que a cercam e a antecedem, como sua mãe e avó.

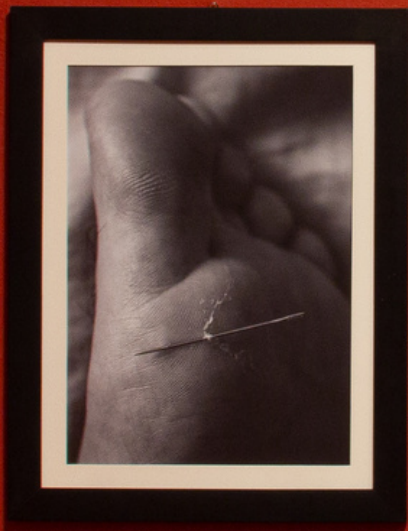


23

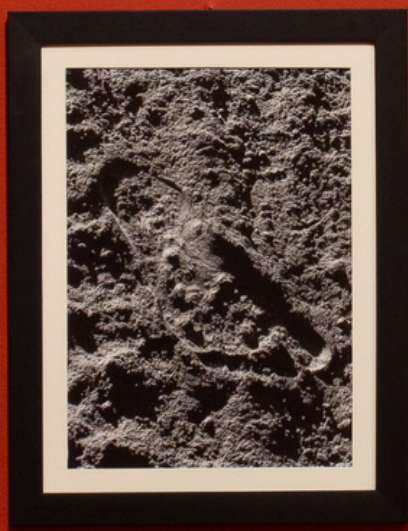








Quil
2010-2011, 2012
Realized as digital reproduction of original photo matrix
80 x 120 cm



Quil
2010-2011, 2012
Realized as digital reproduction of original photo matrix
80 x 120 cm



Hand
1971, 1972
Black and white photograph on paper, the photograph is hand
colored with watercolor pigments.



24

CAUE

Brasília/DF, 1997

Cauê é estudante de museologia e fotógrafo. Seu trabalho busca uma compreensão de si através de memórias numa construção imagética. A qual se compõe a partir de uma constante mutabilidade, onde a melancolia é evidente, mas se equilibra com conteúdo emancipatório de sua relação com a natureza.

As obras versam sobre trajetória, percursos e percalços. Há presença marcante na corporeidade que potencializa o diálogo dos atravessamentos e vicissitudes da existência. O pé que caminha, nos suporta e carrega, também é alvo das intempéries, mas que a partir destas é possível perceber resistência e remediação. Aglutinados de sonhos e anseios, costura-se a relação com a natureza.

25





DANIEL ARDISSON-ARAÚJO

Brasília/DF, 1987

Daniel Ardisson-Araújo é pesquisador, professor e artista. Com seu alto grau de formação na área de biologia, Daniel produz colagens analógicas (construídas através de diferentes edições de livros, revistas e enciclopédias ilustradas) que exploram a anatomia do corpo e discursam sobre seu fatalístico destino:

perecer ou resistir.



27

28

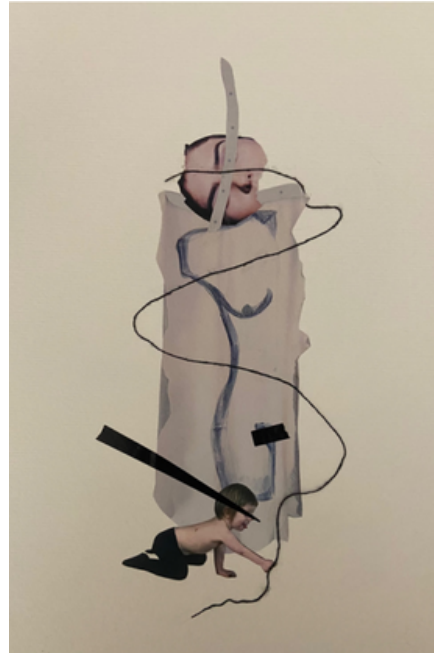








30



31



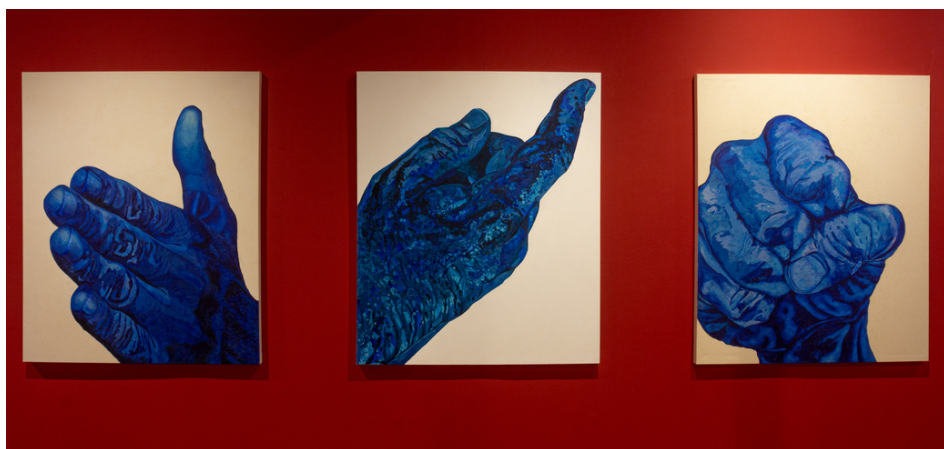
1927



1927



1927



EDUARDO MORAES

Taguatinga/DF, 1973

Eduardo Moraes é artista visual focado em pintura, fotografia e todas as nuances e misturas que há entre elas (ou até que derivam delas). Suas obras que tematizam o corpo são construídas por meio de uma paleta de cores específica que a distingue de representações objetivas ou realistas. Sua intenção é provocar ideias e percepções que partam da corporalidade, mas que se expandem para além dela. Assim, a tranquilidade do azul contrasta com a agitação das mãos que apontam, cumprimentam e ameaçam.

Assim, a inspiração para o tríptico apresentado são as relações cotidianas e as ambiguidades tanto dos gestos quanto do tempo: aqueles que poderíamos ter conhecido e não conhecemos, aqueles que, na inércia do cotidiano, deixamos de ver e ouvir, o encontro que não aconteceu no real, mas no afeto, o punho cerrado que se reveza entre a resistência e a luta... Enfim, a convivência (ou a perda dela).





33



34

LORENI SCHENKEL

Brasília/DF, 1968

Loreni Schenkel é artista plástica formada pela Universidade de Brasília (UnB) e com um vasto trabalho em escultura dedicado ao feminino. Entretanto, aqui Loreni traz silhuetas simples e agênero, que, apesar da sua aparente frugalidade, questiona os dogmas fundamentais do corpo e da hierarquia vigente. Loreni pergunta "quem cura?", numa provocação sobre o sentido da doença, do trauma, do antídoto e, principalmente, sobre quem detém o discurso que determina (e diferencia) o corpo adoecido.

Seu trabalho é resultado de dois momentos traumáticos de sua vida e a conexão entre eles do desejo de perseverar. O primeiro é sobre a morte de sua mãe quando a artista tinha apenas 10 anos de idade. Nesse momento, Loreni se apega a um pequeno trapo sujo que ainda guardava o cheiro da mãe e, todas as noites, se agarrava a ele para dormir. Seu tio presencia tal comportamento e objeta que isso não é adequado para uma "moça". No dia seguinte, ele queima seu trapo junto da comida que seria servida aos porcos.

O segundo momento da obra trata de uma fratura craniana e a oscilação entre a vida e a morte após um acidente. Loreni expurga tais episódios atravessados pelo desconforto e pelo trágico através de seu trabalho. A doença e a infância agem como contadoras de uma história particular de resistência.









35

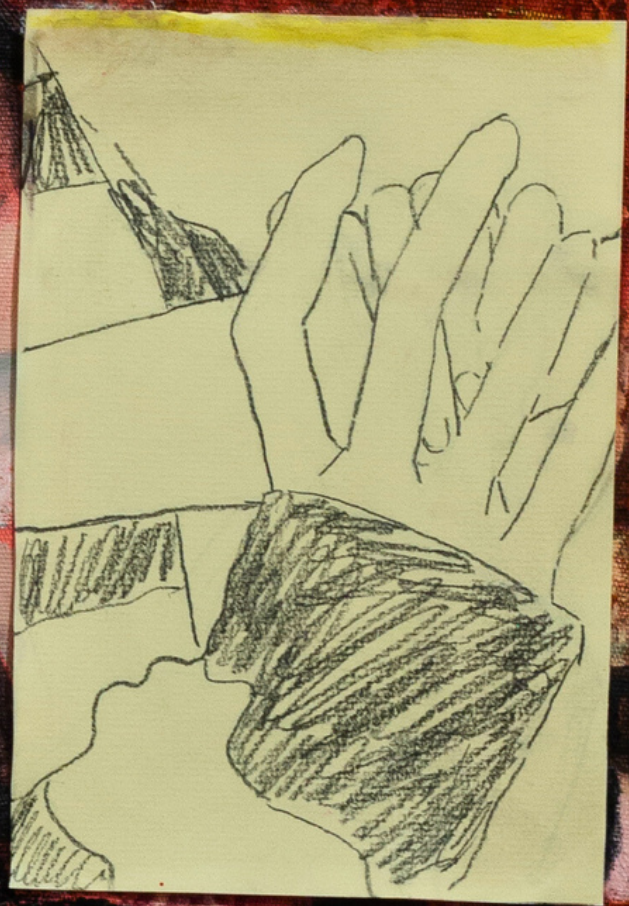
MARIANA VIDAL

Águas Claras/DF, 2002

Mariana é estudante do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB) e tem sua poética atrelada a sentimentos pulsantes transmitidos por meio da cor. Seu trabalho se utiliza de representações viscerais (e até agonizante) para exprimir aquilo que não se acomoda dentro do corpo, expondo uma violência privada e individual do sujeito que já não cabe em si. Desse modo, Mariana inverte a lógica do humano.

"Uma faca entra em um coração. A faca é minha, o coração é meu.", explica a artista.





Vicente Pires/DF, 2003

Nat, em sua trajetória artística, fez da pintura a maneira de expressar suas raízes e vivências com obras que evidenciam a negritude e a periferia. A artista busca representar aquilo que todos veem, mas que, ainda assim, não se naturaliza ou valoriza. Seu trabalho se opõe à normativa minimalista e à hegemonia estética que tende para o racismo e o classismo. Assim, ela reforça o colorido, as padronagens e seus detalhes para enaltecer a cultura preta.





Paula Calderin

PAULA CALDERON

Brasília/DF, 1992

Paula, através de um uso refinado das cores, navega entre o humano e a topografia. Seu trabalho é fruto de pesquisa constante para resgatar uma ancestralidade coletiva que ora assume ares de uma natureza lírica por meio de relevo e flora e ora de uma representação figurativa. "À flor da pele" intenta reunir os matizes de peles que compõem um território compartilhado e mostra que somos diversidade.





"Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual, meu irmão? Hein? Quando vocês fazem graça, a gente não ri? Quando vocês dão tiro na gente, porra, a gente não morre também? Pois se a gente é igual em tudo, também nisso vamos ser!"

Ó paí ó, 2007

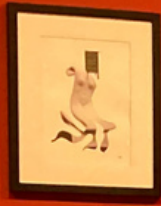


“Em um primeiro momento, é fundamental destacar como os desdobramentos da articulação surgiram a partir das necessidades e vontades do grupo. Desde o início, núcleos de trabalho foram formados para dividir as responsabilidades, mantendo, no entanto, um caráter colaborativo. Isso significa que, mesmo com indivíduos assumindo a responsabilidade pela execução de projetos específicos, como os financeiros, expográficos, educativos, visuais, entre outros, as decisões sempre foram tomadas de forma conjunta. Isso evidencia a natureza colaborativa da curadoria, permitindo uma maior capacidade de articulação, considerando o grande número de pessoas envolvidas, incluindo o papel crucial desempenhado por pessoas centrais na organização e elaboração de todos os projetos. Outro aspecto notável dessa exposição foi a minha participação não apenas como artista, mas também como mediador em uma ação educativa. Ambas as experiências foram excepcionais.”

Cauê Dominici de Paula Lopes



Small white label with illegible text.



Small white label with illegible text.



Small white label with illegible text.



Small white label below the first photograph.



Small white label below the second photograph.



Small white label below the third photograph.



“Participar da disciplina e da montagem de uma exposição me ensinou muito sobre todo o processo expográfico, mas além disso, levo muito mais para a vida do ajustes de luz e escolha de cores para paredes. Levo mais sabedoria e paciência para lidar com questões em grupo e a realizar mesmo com todos os problemas um ótimo trabalho em equipe.”

Érika Matheus Cunha

“A experiência de trabalhar na exposição *Corpos que Resistem*, no começo de 2023, foi enriquecedora de diversas maneiras. Além do componente óbvio de ser um graduando do curso de museologia e poder trabalhar de maneira prática em uma exposição, os temas e reflexões propostos por ela são extremamente relevantes atualmente devido às políticas apoiadas pelo último governo e o teor das ideias que circularam durante o mesmo período. Ver o resultado final durante os 20 dias em que a exposição esteve montada com certeza foi uma realização é algo muito gratificante para mim.”

Francisco Nacélio Azevedo Carneiro



“No decorrer do processo museográfico estive atuante nos setores: Identidade Visual, Expografia e Produção Textual. Além desses, estive na organização da Logística para a execução da exposição. Pude contribuir em outros setores como o Livro Ouro e na venda da cartela da rifa pelo Núcleo Financeiro, também colaborei na mediação de grupos do setor Educativo. Considero que estive atuando por todo o processo de desenvolvimento da exposição, desde o princípio com as ideias para o tema da exposição, até a etapa prática de sua execução para ser inaugurada. Todo este processo foi uma experiência profissional rica em conhecimentos e práticas que ultrapassaram os limites da sala de aula.”

Flavia Fernandes de Moraes

“Participar da exposição *Corpos que Resistem* foi uma oportunidade inigualável para mim, como estudante de museologia, na qual pude colocar em prática tudo o que foi elaborado, discutido, refletido e apreendido no decorrer de dois semestres curriculares acadêmico. Nas disciplinas de Museologia e Comunicação 3 e 4, pudemos desenvolver um projeto de curadoria sobre o tema guarda-chuva violência. Nosso recorte foi sobre os corpos que rotineiramente são violados e violentados e que, sob o olhar hegemônico e preconceituoso, não se adequam a nossa sociedade.

De todo o conjunto de ações na produção da exposição, foi na execução da expografia que pude perceber a materialização do discurso escolhido para nosso trabalho. Acredito que é na expografia que a harmonia entre o conteúdo, a forma e a ideia se concretiza e que culmina numa experiência estética, interativa e cultural. ”

Gracy Lima de Oliveira

PRÁTICAS EDUCATIVAS

Oficina de fotografia, com o artista Cauê, no dia 27/01 sexta-feira das 14h às 16h, na sala do educativo da CAL. Recebemos inscrições para esta atividade através de um formulário eletrônico. Na oficina estavam presentes o Artista Cauê e mais 7 participantes. Foi desenvolvido durante a oficina aprendizados sobre os conceitos básicos de fotografia, manuseio de uma câmera fotográfica e atividades práticas. A presente oficina foi inserida no sistema da universidade como atividade de extensão e disponibilizou certificado de presença para os participantes.

Oficina de Dança - Hip Hop, com o professor Gus, realizada no dia 03/02 sexta-feiras, às 16h, na sala de Dança que faz parte da CAL.

Como atividade interativa, foram criados dois quebra-cabeças com duas das obras que faziam parte da exposição - "Até quando?", do artista Eduardo Moraes, e "Bossy girl", da artista Nat. Os quebra-cabeças foram inaugurados no dia 24/01 e ficaram disponíveis para serem montados por visitantes durante todos os dias da exposição.

Também foi desenvolvida uma roda de conversa com o tema "A pop de rua como público de museus", realizada no dia 31/01, que teve como mediadora a Professora e Secretária dos Direitos Humanos Deborah Silva Santos, e contou com



a presença de Joana Bazilio, Coordenadora nacional do Movimento de População de Rua Núcleo DF; Thereza Raquel Miranda, Coordenadora social do Instituto No Setor; e Bruna Duarte Santos, agente social que trabalha com a população de rua do Setor Comercial Sul. A roda de conversa contou ainda com a presença de pessoas em situação de rua, que participaram da conversa e aproveitaram um lanche após o evento. Antes da roda de conversa essas pessoas visitaram a exposição, e algumas relataram o quanto aquele momento foi importante para elas.



QUEM NÃO
É
DA COR FALA
QUE É
MALBUICE

“No decorrer do processo expositivo estive atuante nos setores de comunicação, expografia e educativo. Estive presente na colaboração e organização da acessibilidade, produzindo, juntamente com os outros estudantes, audiodescrição das obras presentes na exposição. Estive presente na colaboração da produção da identidade visual da exposição e das artes gráficas usadas para divulgação da exposição. Particpei da desmontagem da exposição e pude fotografara inauguração. Posso dizer que participar dos processos expositivos foi gratificante á que tive a oportunidade de vivenciar a produção da exposição, mediação e compreender tudo o que é preciso para dar vida à uma exposição.”

Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi

“Minha experiência na criação da exposição foi surreal e ao mesmo tempo intrigante. Eu nunca tinha tido contato com a criação e organização completa de uma exposição artística, apenas no processo de montagem e desmontagem por meio de um dos trabalhos da Empresa Junior Museotec. Por conta disso, tanto a parte de criar a base teórica quanto a parte prática foram uma grata surpresa para mim. Conheci mais o mundo da curadoria (percebi o quão complexo é fazer uma exposição) e pude entender a importância do trabalho em grupo. Nossa turma era muito grande e bastante unida, o que fez com que as dificuldades não fossem tão difíceis de se lidar. Infelizmente não tive uma participação tão grande na maior parte do processo, havia pessoas o suficiente para tudo, o que tornava a obrigação individual mais "tranquila" (e que bom que era assim). Contudo onde eu atuei foi igualmente incrível! A minha parte foi focada no design e na publicidade do evento em geral, foi divertido e bem interessante, já que exigia um lado mais artístico.”

Isabelly de Maria Rêgo Lourenço



CASA DE CULTURA DA AMÉRICA LATINA

Inicialmente realizou-se pesquisas sobre disponibilidade de locais para nos receber, e para critério de busca consideramos instituições que melhor se adequassem à exposição e ao tema. De forma inicial, os locais: Espaço Cultural Renato Russo; o Anexo do Museu da República – Brasília e a Casa de Cultura da América Latina, foram os escolhidos para contato e estabelecer o local da exposição. A Casa de Cultura da América Latina foi a escolhida devido pertencer a Universidade e aos dois primeiros espaços se mostraram indisponíveis para a data que precisávamos. A escolha final se mostrou acertada, pela combinação de vários fatores, mas principalmente pelo território onde está localizada e pela primorosa colaboração da equipe da CAL. A Casa de Cultura da América Latina (CAL/DDC/DEX) localizada no Setor Comercial Sul de Brasília - DF, está alocada na Diretoria de Difusão Cultural (DDC) dentro do Decanato de Extensão (DEX) na Universidade de Brasília (UnB).

A CAL é um um espaço voltado para a promoção das culturas ibero, latina e africana, em todas as suas vertentes e linguagens. Promove eventos, estudos, pesquisa e divulgação artística e cultural. A CAL iniciou em 1987 com doação de acervos e sendo oficializada com o Ato da Reitoria no 757/88. É dividido em acervo de arte e etnográfico, a coleção foi ampliada com inúmeras doações, ao longo dos anos, e hoje conta com mais de 2700 itens. Em seu espaço físico se encontram três galerias de arte: CAL (subsolo), Acervo (2º andar) e de Bolso (vitrine). Também tem Auditório, Reserva técnica, sala administrativa, e inúmeras outras salas onde acontecem manifestações artísticas, das mais variadas como dança, performance, espetáculos teatrais, debates, mostras de cinema, apresentações musicais, UnB idiomas, etc. (DDC/DEX)

A exposição teve abertura dia 20 de janeiro de 2023, com a apresentação da performance Mar de Rosas pela artista Cássia Olivier, e disponível para visitas entre os dias 23 de janeiro e 03 de fevereiro de 2023 na Galeria Acervo (2º andar) de 8h às 19h, com monitoria disponível de 9h às 16h. Todo este serviço foi ofertado gratuitamente.

ANÁPOLIS

exposição
**CORPOS QUE
RESISTEM**

20 jan > 2 fev 23
Galeria Acervo

3333
24 JERRO
93 24 1111
CENTRO DE

3. AGRUPAMENTO CULTURAL DE ANÁPOLIS
"O MUNDO É UM LUGAR MUITO GRANDE
PARA QUEM NÃO TEM AMOR E PAZ"
- M. ANTONIO COSTA

Galeria Cal

TOALET

“No decorrer do processo museográfico atuei nos setores: Identidade Visual e Expografia, principalmente na montagem da exposição in loco antes da inauguração. Ocorreu de entrar no projeto no decorrer do trabalho, e minha função ficou mais na parte prática de expografia e curadoria. Todo este processo foi uma experiência profissional rica em conhecimentos e práticas, podendo trabalhar com um grupo que se dispôs o tempo todo à conclusão e entrega do projeto. Viver essa experiência foi muito importante devido ao processo de Pandemia que enfrentamos, possibilitando a primeira impressão de um trabalho de expografia.”

Guilherme Felipe Viltenburg

“A exposição "Corpos que resistem" e suas proporções tomadas, com certeza me surpreenderam de tal modo que eu, pessoalmente, não julgava poder concretizar, ainda mais de modo tão profissional. Acredito que o esforço e dedicação de cada membro do grupo resultou num trabalho muito importante e bem-acabado, apesar de terem existido seus empecilhos, sua totalidade foi um ótimo aprendizado para minha pessoa, profissionalmente e pessoalmente. Assim, devido ao tema tão necessário e atual que abordamos nesta exposição, fico muito orgulhosa da repercussão que esse projeto teve na minha vida e de outros.”

Marina Raquel Mendes Santana Costa

“Não tenho muito a dizer, só que fazer parte do educativo foi uma experiência bastante enriquecedora e que foi emocionante receber a população de rua e dialogar com ela no decorrer da exposição.”

Nayara Thais Dias de Oliveira



CURADORES

Andreza Bento de Sousa

Minha trajetória no curso iniciou-se em 2020, logo após a primeira semana de aula, iniciou-se a pandemia de Covid-19, com isso vieram incertezas se era isso que eu deveria fazer profissionalmente, com a volta do presencial e com o avanço no curso, percebi que a área da museologia com a qual me identifico é a preservação de bens materiais, porém tenho experiências em outras áreas. Participei da Empresa Júnior "Museotec", onde contribuí para a Montagem e Desmontagem da Exposição "Macedônia" no Museu Nacional Honestino Guimarães, fui curadora e mediadora da Exposição "Corpos Que Resistem", estagiei no Tribunal do Trabalho da 10ª Região com higienização e catalogação do acervo para a construção do Memorial da instituição, fui aluna extensionista do Projeto "Comunicação Institucional da Faculdade de Ciência da Informação através das redes sociais", em que era responsável por produzir posts para o Instagram da Faculdade de Ciência da Informação, atualmente sou extensionista do Projeto "Educação em Contextos Culturais: Museus e Intersubjetividades" em que são realizadas pesquisas de público em Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Pretendo encerrar o curso com uma boa bagagem teórica e prática, para assim poder aplicar na minha carreira profissional como Museóloga

Anna Clara Bispo dos Santos

Graduanda no Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Extensionista nos projetos Memória e Ditadura Militar pelo Instituto de Ciências Humanas, coordenado pelo Prof. Dr. Mateus Gamba Torres, e Exposições curriculares em Tour Virtual 360° pela Faculdade de Ciência da Informação, coordenado pela Prof.ª Dra.ª Marijara Souza Queiroz. Certificada no programa de capacitação Saber Museu, pelo Instituto Brasileiro de Museus. Multiartista e assistente de produção cultural voltado à população periférica do Distrito Federal. Ex-estagiária da Comissão de Anistia do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019-2021).

Bruna Geovana dos Reis de Almeida

Estudante de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação na Universidade de Brasília. Atuei na curadoria e no setor educativo da exposição "Corpos que Resistem", também auxiliei nos processos de montagem e acondicionamento de obras.

Cauê Dominici de Paula Lopes

Graduando em Museologia na Faculdade de Ciência da Informação na Universidade de Brasília (UnB). Participou do projeto "Mapeamento de Coleções Etnográficas", da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) com vínculo com a Universidade de Brasília através do projeto de extensão Museologia Lab. Foi Monitor nas disciplinas "Museologia e Comunicação 1" e "Museologia 3". Tem interesse na área Museologia, com ênfase nos temas justiça social, memória, fotografia e educação. Atualmente bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), pesquisando a atuação de museus e centros culturais na pandemia, com foco naqueles que foram postos de vacinação, como também postos de testagem. Atua profissionalmente como estagiário no Senado Federal, exercendo funções relacionadas à documentação, catalogação, base de dados (como o Tainacan), fotografia documental, expografia, preservação e conservação preventiva.

Deuzite Santiago da Cunha

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB), (2017/2 - atual).

Diego Bryan de Jesus Braga

Estudante de Museologia pela UnB, na Faculdade de Ciência da Informação, cursando o 10º semestre. Academicamente tenho experiência em alguns projetos de extensão e outras atividades importantes para o desenvolvimento acadêmico, sendo eles a participação no Sebramus (Seminário Brasileiro de Museologia) em 2019, coordenando GTS e ajudando na organização geral do seminário, fui também bolsista na SEMUNI (Semana Universitária), onde ajudei a desenvolver atividades para a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) voltadas a Semana Universitária (2022). No mesmo período fui aprovado em outro projeto de Extensão voltado para a CAL (Casa da Cultura da América Latina) com o intuito de reorganização do acervo museológico da instituição e na preparação dos objetos a serem catalogados e inseridos do Tainacan. Atualmente Diretor Geral de projetos da Museotec, empresa junior de Museologia da UnB, neste cargo desde 2022. Recentemente aprovado em mais um projeto de Extensão relacionado a CAL, mas dessa voltado a cultura e a sociedade enfatizando a contribuição da cultura no desenvolvimento social.

Érika Matheus Cunha

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB) como segunda graduação (primeira em Direito - 2012 - UDF). Academicamente tenho experiências em 3 projetos de extensão já

concluídos voltados para a comunicação, gestão, organização e divulgação da informação. Fui extensionista na gestão das redes sociais da FCI UnB por 2 anos (entre 2020 e 2021) fazendo a gestão de conteúdos e relatórios semanais, participando de reuniões de equipe para alinhamento, discussões e aprimoramento de estratégias de geração de conteúdo e alimentação periódica das redes. Contribuí na construção do repositório institucional do Laboratório ECoS/FS/UnB (2020), entre outros projetos voltados a Arboviroses atuando na alimentação e gestão da informação e do conhecimento para a Comunicação da Informação em Saúde utilizando a plataforma Omeka de gestão de coleções digitais. Atualmente participo da organização e catalogação do acervo do Museu do Senado Federal onde desenvolvo meu estágio não-obrigatório onde colaboro na criação de exposições e seus projetos desde 2022 até o momento em 2023. Também represento como presidente a empresa júnior de Museologia (MUSEOTEC - Consultoria e serviços em Museologia).

Flavia Fernandes de Moraes

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB), (2018 - atual). Atualmente participo do meu 4º projeto de extensão na Casa de Cultura na América Latina (DDC/DEX/UnB). Academicamente tenho experiências em 3 projetos de extensão já concluídos voltados para a comunicação, gestão, organização e divulgação da informação. Fui extensionista na gestão das redes sociais da FCI UnB por 2 anos (2020 e 2021) fazendo a gestão de conteúdos e relatórios semanais, participando de reuniões de equipe para alinhamento, discussões e aprimoramento de estratégias de geração de conteúdo e alimentação periódica das redes. Participei na construção de um repositório institucional do Laboratório ECoS/FS/UnB (2020), atuei na alimentação e gestão da informação e do conhecimento para a Comunicação da Informação em Saúde utilizando a plataforma Omeka de gestão de coleções digitais. Colaborei na equipe de suporte às atividades de convocação, registro e estruturação do Fórum Estudantil da UnB (2022). Atualmente participo da organização e catalogação do acervo da coleção inicial, da descrição dos objetos virtualizados, da complementação da catalogação desses objetos na Plataforma Tainacan e da divulgação virtual de uma parte do acervo museológico da Casa da Cultura da América Latina (CAL) (2023). Também realizei estágio supervisionado na CAL atuando na catalogação de acervo, confecção de acondicionamento, elaboração de levantamentos e pesquisas sobre coleções, montagem e desmontagem de exposição. Atuei como representante estudantil no Centro Acadêmico de Museologia (2020 e 2021), participando em reuniões (colegiado do curso, estudantes do curso e com outras entidades de representação estudantil gerindo as demandas dos representados nesses espaços); e elaboração de documentos (atas, cartas e relatórios para comunicação entre professores e estudantes).

Francisco Nacélio Azevedo Carneiro

Graduando em Museologia - UnB. Participei do grupo educativo da exposição *Corpos que Resistem* e também da montagem e desmontagem da mesma.

Giovanna Chaves da Silva Zanfranceschi

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB) (2019 - atual), graduada em Letras Português (licenciatura) pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília (IESB). Atuei como jornalista e design no portal de notícias independente Portal Canário (2020 - 2022) formado por estudantes da UnB. Fui integrante do grupo de Pesquisa *Musealização da Arte: poéticas em narrativas*, orientada pelo professor doutor Emerson Dionisio Gomes de Oliveira em projeto de pesquisa intitulado “Atualizações, sobrevivências e contaminações da arte popular: regimes expositivos e coleções museológicas - Museu do Oratório de Ouro Preto” (2020-2021). Fui orientada pelo professor doutor Paulo Alves Silva em projeto de pesquisa intitulado “A formação continuada de professores do Ensino Médio para o enfrentamento dos desafios pedagógicos causados pela pandemia da Covid-19” (2021-2022). Atualmente participo do projeto de extensão “Uma Noite no Museu” no Departamento de Psicologia da UnB, que tem por objetivo proporcionar a aos estudantes universitários a experiência da Educação Museal através do role-playing game (RPG) orientada pelo professor doutor Domingos Savio Coelho.

Gracy Lima de Oliveira

Graduanda no Curso de Bacharelado em Museologia pela Universidade de Brasília/UnB, desde agosto de 2019. No momento atuando como monitora da disciplina de Museologia e Comunicação 4, atuando no apoio aos discentes da disciplina citada, bem como a professora dra. Marijara Queiroz, no processo de desenvolvimento e construção da exposição curricular *Conexões Ancestrais: linha além do corpo*. Estagiária na curadoria da exposição *Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição*, sob a orientação do museólogo Matheus Furtado. *Vidas Manuscritas* é um projeto colaborativo de extensão integrado pelos departamentos de Museologia/FCI, de História/HIS, de Linguística, Português e Línguas Clássicas/LIP, do Programa de Pós-Graduação História/PPGHIS e a Biblioteca Central/BCE, da Universidade de Brasília/UnB. Possui certificado no curso técnico de Desenho de Arquitetura, pelo Instituto de Arte e Projeto - INAP, em Belo Horizonte/MG. Atuou na equipe de Expografia da exposição *Corpos que Resistem*, exposição esta curricular do Curso de Museologia da Universidade de Brasília - UnB (02/2022).

Guilherme Felipe Viltenburg

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB), (2018 - atual). Realizei o Projeto de Iniciação Científica, no primeiro semestre de 2019, com Andreia Considera sobre as Faianças trazidas pela Companhia Holandesa das Índias Orientais. Também realizei estágio supervisionado no Memorial da Faculdade de Medicina e no Museu de Biologia.

Isabelly de Maria Rêgo Lourenço

Meu nome é Isabelly Lourenço, tenho 21 anos e estou no 8º semestre da faculdade de Museologia da Universidade de Brasília - UnB. Atuo como vice-presidente da empresa "Museotec" há 1 ano e e membro ativo desde o primeiro semestre de 2021. Na Empresa Junior, em 2022 trabalhei na desmontagem da exposição "Macedônia", no Museu Nacional da República - MuN, em Brasília. Desde fevereiro/2023 atuo nesse mesmo museu como estagiária. Participei do processo de criação e da curadoria da exposição "Corpos que Resistem", principalmente na área de design e divulgação. No momento estou em processo de escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) e da finalização do curso de Museologia.

Leandra Furst Signori Prado

Estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília (UnB), (2018 - atual). Tenho conhecimentos em estudos sobre documentação e catalogação de acervos museológicos e patrimônios. Estudos em conservação e preservação de documentos. Estudos em história social, política e cultural da América Latina. Conhecimentos sobre comunicação aplicada para o ambiente museal e seu(s) público(s). Atualmente faço estágio supervisionado no Museu de Biologia (MBio) da Universidade de Brasília (UnB) atuando na catalogação de acervo, confecção de acondicionamento, elaboração de levantamentos e pesquisas sobre coleções, montagem e desmontagem de exposição. Também realizei estágio supervisionado no Memorial do Grupo dos Escoteiros do Ar Salgado Filho, atuando na catalogação de acervo, confecção de acondicionamento, elaboração de levantamentos e pesquisas sobre coleções.

Luna Cristine Nunes da Silva Colazante

Luna Cristine Colazante, resido em Rio de Janeiro, comunicador audiovisual e museólogo em formação pela Universidade de Brasília (UnB). Produzido por múltiplas mídias como fotografia, cinema, design gráfico, direção e produção criativa.

Marina Raquel Mendes Santana Costa

Estudante de Museologia na Universidade de Brasília (UnB) desde (2/2019). Realizei os estágios curriculares obrigatórios tanto no Núcleo de Memória da Faculdade de Medicina (NMFm), quanto no Memorial do Tribunal Regional do Trabalho da 10a Região (TRT-10), em ambos auxiliando na organização, higienização e catalogação dos acervos dessas instituições. Atualmente, participo do projeto de extensão "Pesquisa, organização da informação, produção do conhecimento e divulgação científica: acervos de documentação oral, imagética e textual" praticados no Necoim (Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória) na UnB. Atuei na curadoria e como parte do setor de identidade visual da exposição curricular do curso de Museologia da UnB "Corpos que Resistem" (2/2022).

Milena Guedes de Rezende

Graduanda em Museologia pela Universidade de Brasília (UnB) desde (1/2020). Atualmente participa como bolsista no projeto de extensão: "Mostra sismológica" do observatório sismológico da UnB, realizando as atividades de gestão na elaboração de documentos, preservação do acervo na elaboração de laudos em seu transporte e mediação nas visitas da mostra. Finalizou suas horas de Estágio Curricular obrigatório no Museu dos Bombeiros, onde continua estagiando não obrigatoriamente de forma remunerada, executando as atividades de organização de acervo fotográfico físico e virtual na plataforma tainacan, manuseio de materiais museológicos, elaboração de documentos necessários para a gestão do museu, documentação museológica e elaboração do projeto educativo e cultural do Museu. Anteriormente a isso participou como membro na empresa júnior de museologia Museotec onde atuou como assistente comercial tendo a oportunidade de executar atividades empresariais e práticas que o curso ainda não oferecia como: consultoria comercial, manuseio das redes sociais, elaboração de posts para redes sociais, contatação de clientes, colaboração na produção de projetos, gestão de pessoas. Além disso a Museotec proporcionou seu primeiro contato com montagens de exposição podendo citar: Exposição Urbanistan: de uma sonoridade silenciosa em 2021 e Exposição Macedônia do novembro de 2021 a fevereiro do 2022. Na Exposição Curricular do curso de Museologia da UnB "Corpos que Resistem" (2/2022), além da curadoria e montagem, compôs a equipe de financeiro e também auxiliou na equipe de educativo com mediações.

Nayara Thais Dias de Oliveira

Nayara Thais Dias de Oliveira, 35 anos, graduada em Museologia pela Universidade de Brasília, servidora pública federal no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, onde atua na área de gestão de patrimônio ferroviário.

Nina Romero Merson

Ingressei no curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) pela Universidade de Brasília em 2020. Participo da Empresa Júnior do curso de Museologia, a Museotec, desde 2022. Atuei na revisão e edição do "captioning" de vídeo aulas de cursos oferecidos pela School of Computer Science Executive Education da universidade Carnegie Mellon, em 2022 e 2023. Curadoria, montagem e mediação da exposição *Corpos Que Resistem* que ocorreu na Casa da Cultura da América Latina (CAL), em janeiro de 2023.

Olga Marmorini de Moraes

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cultura e Significação (PPGCom/Ufrgs). Integra o Grupo de Pesquisa CNPq Comunicação e Práticas Culturais (Ufrgs) e é membro do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática (Ufrgs). Possui graduação em Ciências Sociais - Antropologia (Bacharelado) pela Universidade de Brasília (2017), graduação em Ciências Sociais - Licenciatura pela Universidade de Brasília (2018) (ICS/UnB) e graduação em andamento em Museologia - Bacharelado pela Universidade de Brasília (FCI/UnB). Atuou como organizadora nos eventos "African Cultural Studies: experiences in researching and doing" (2021) e "V Jornada Gaúcha de Pesquisadores de Recepção" (2021), possui, também, experiência em arte-educação nas instituições Centro Cultural Banco do Brasil e Caixa Cultural. Atualmente, desenvolve pesquisa na área de Comunicação Museológica ancorada nos Estudos Culturais.

Rafaela Rocha dos Santos

Sou estudante de Museologia na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (DF) e minha jornada acadêmica tem sido marcada por diversas experiências e envolvimento em algumas atividades, no ano de 2019, tive a oportunidade de atuar como mediadora no IV Seminário Brasileiro de Museologia, realizado na rede de Museologia Virtual. Isso me permitiu participar ativamente do compartilhamento de conhecimento e facilitar discussões relevantes no âmbito da museologia. Além disso, fiz parte do Projeto de Extensão Museologia Virtual '[Des]Mundo'(2020/2021), onde conduzi pesquisas temáticas e contribuí para a criação de experimentos virtuais museológicos com foco em educação e comunicação. Participei também como mediadora da Exposição "Lembretes do Existir"(2020) e "Laços e Confrontos"(2021) na Galeria de Arte Risofloras, que tinha vínculo com o programa Jovem de Expressão em Ceilândia (DF). Durante essa experiência, participei das oficinas oferecidas para a comunidade, me inserindo no mercado de trabalho, na área de Fotografia e Áudio Visual. Participei como fotografa da exposição fotográfica virtual "Travessia" (2021), e da elaboração de um clipe

musical como Diretora de Arte do grupo Máfia Norte "Você pode Sonhar" (2021). No âmbito acadêmico, assumi o papel de representante estudantil no Centro Acadêmico de Museologia durante o período de 2022/2023, atuando na coordenação de comunicação e contribuindo para a gestão das questões acadêmicas dos estudantes. Atualmente, participo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), onde desenvolvo uma pesquisa sobre Discursos e Narrativas nas Exibições Museológicas da Galeria Risofloras, localizada em Ceilândia (DF). Também faço parte do Projeto de Extensão de Comunicação Institucional da Faculdade de Ciência da Informação, focado nas redes sociais e no Projeto de Extensão Exposições curriculares em Tour Virtual 360. Meu interesse acadêmico se concentra nas áreas de curadoria, gestão museológica, museologia e comunicação, com enfoque em educação, gênero, raça e classe. Estou comprometida em continuar explorando esses campos e contribuir para o avanço do conhecimento.

Tereza Larissa Meireles Rosario

Graduanda em Museologia pela Universidade de Brasília (UnB) desde (2/2018). Bolsista no projeto de extensão: "Ações de apoio e Desenvolvimento de Atividades Comunitárias", atuando nas atividades de organização, Catalogação e divulgação do acervo sobre a memória das entidades estudantis representativas da UnB que se encontra sob a guarda da Diretoria de Esporte e Atividades Comunitárias (DEAC). Atualmente faz Estágio Curricular obrigatório no Memorial do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), atuando nas atividades de inventário, documentação e catalogação do acervo. Tem experiência na área de Educação, atuando nos seguintes temas: educação museal, crianças e estratégias pedagógicas inclusivas.

ORIENTADORA

Marijara Souza Queiroz

Doutora em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IDA/UnB). Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Bacharela em Museologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA com habilitação em Museus de História e Museus de Arte. Ganhou o Prêmio UnB 2022 de Melhor Tese na Grande Área de Linguística, Letras e Artes com a pesquisa "O traje de Oyá Igbalé como oferenda para adiar a morte: agenciamentos da coleção de trajes de candomblé da Casa Branca no Museu do Traje e do Têxtil". Coordenadora de Extensão da Faculdade de Ciência da Informação da UnB e professora do Curso de Museologia da mesma Faculdade (FCI/UnB). Membro do Grupo de Pesquisa Museologia, Patrimônio e Memória do CNPq com atuação nas linhas "Teoria e Prática Museológica" e "Cultura, Arte e Memória". Atua no ensino, pesquisa e extensão com foco nos museus e coleções, nas curadorias e exposições museológicas com abordagem voltada para os Fundamentos e a Crítica da Arte, o pensamento decolonial e os estudos interseccionais de gênero, sexualidades, raça e classe.

DEBATEDORES

Clóvis Carvalho Birtto

Realiza Pós-Doutoramento em Sociomuseologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Portugal. Pós-Doutor em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Portugal, e Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestre em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Associado I na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) no Curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Convidado no Departamento de Museologia e Investigador colaborador no Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED/ULHT) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na área de Museologia (2020-2026). Consultor ad hoc do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É um dos editores da Revista Museologia Interdisciplinaridade (ISSN: 2238-5436). Líder do Grupo de Pesquisa Museologia, Patrimônio e Memória (UnB) e membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB). Membro da Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia e da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. Tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia da Literatura e Antropologia dos Museus e Patrimônios, e em Museologia, com ênfase em Teoria Museológica, História dos museus, Museus literários e Musealização e gestão de memórias traumáticas.. Atualmente é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Valdemar de Assis Lima

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em Arte Educação e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Escola de Belas Artes (EBA) da UFBA, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando em Educação pela UFSC. Atualmente é Professor Assistente A do Curso de Graduação em Museologia da Universidade de Brasília (UnB). Membro do Grupo de Pesquisa em Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC), do Grupo de Pesquisas Rastros (USF) e do

Grupo de Pesquisa Museologia, Patrimônio e Memória (UnB), além do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UnB (NEAB-UnB). Sócio emérito do Instituto Memorial Lélia Gonzalez. Tem experiências em museologia decolonial, educação museal e plano museológico, no campo da Museologia; em educação para o patrimônio, sociologia da educação e educação das relações étnico-raciais e antirracismo, no campo da Educação e em gestão de pessoas, gestão de projetos culturais, no campo da Gestão. Tem atuado com os temas: antirracismo, branquitude; patrimônio cultural, patrimônio imaterial; interculturalidade crítica e identidades; processos museais e musealidades; uso social da memória e requalificação de espaços culturais.

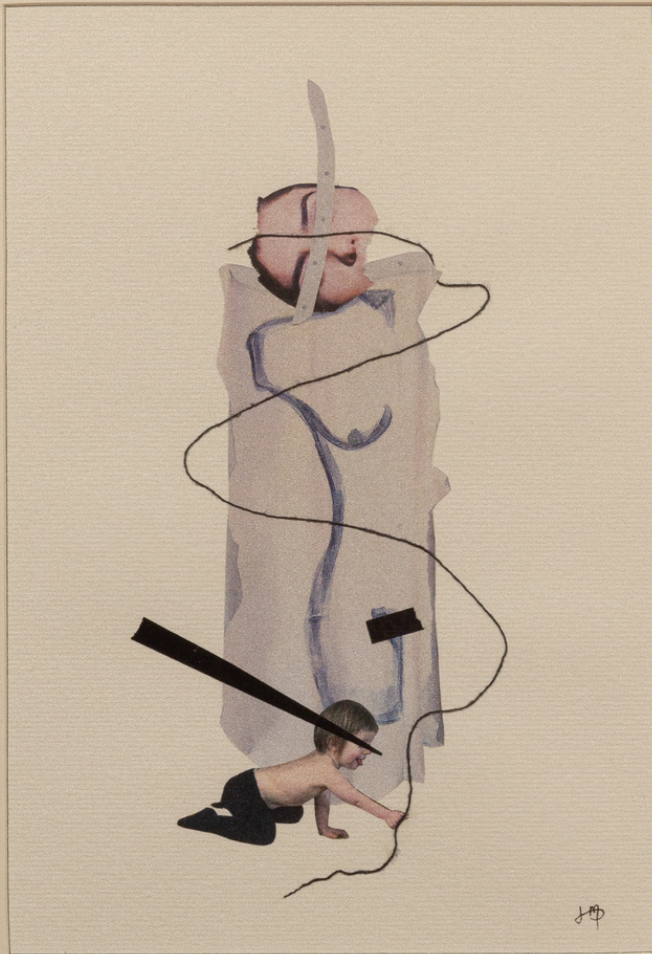
“Foi gratificante participar da exposição pois auxiliei na curadoria das obras selecionadas, a fotografei o processo da montagem e desmontagem, bem como a entrega de certificados aos artistas. Além disso, gerenciei a conta bancária com o dinheiro arrecadado, realizando transferências por PIX de maneira eficiente. Participei ativamente da mediação, conduzindo visitas guiadas para um grupo de 27 idosos do centro de convivência do Gama e contribuí com gravações em áudio para a acessibilidade proposta pelo setor educativo.”

Rafaela Rocha dos Santos

“A exposição "Corpos que resistem", foi particularmente parte fundamental da minha trajetória como estudante de Museologia, pois tive a oportunidade de colocar em prática todo conhecimento adquirido em sala de aula e no âmbito acadêmico. Contudo, entendendo a arte como uma comunicação aberta e a produção contemporânea como um campo de discussão, a exposição “Corpos que resistem”, me trouxe a reflexão do corpo como mecanismo de resistência e agência na necropolítica. Diante disso foi notório que os alunos, curadores da exposição, conseguiram através do projeto de exposição transmitir a mensagem que queriam através do tema estudado.

A exposição me possibilitou uma visão profissional sobre as possibilidades de expandir os conceitos, abordagens, métodos científicos e pedagógicos na área da educação museal, durante o período de elaboração e organização da exposição e através do convívio é da troca de informações com os visitantes. Principalmente também por ter me dado a oportunidade de trabalhar como educadora no grupo do Educativo da exposição, desenvolvendo atividades para os visitantes, e por ter trago através de convites, públicos alvos muito importante para participarem das oficinas propostas na exposição.”

Tereza Larissa Meireles Rosario



Daniel Ardisson-Araújo
Colagem 221 – Dor 4, 2022
Colagem analógica
29,7 x 21 cm

“Corpos que resistem foi o projeto da exposição feita pela turma de Museologia e Comunicação IV do curso de Museologia da Universidade de Brasília, do segundo semestre do ano de 2022. No decorrer do processo museográfico estive atuante no setor de identidade visual, bem como participei na montagem e desmontagem, e na mediação durante as visitas. Todo o projeto ocorreu de forma satisfatória e como uma experiência profissional rica em conhecimentos e práticas que ultrapassaram os limites da sala de aula.”

Leandra Furst Signori Prado

“No decorrer do processo de produção de uma exposição, trabalhei com produção, montagem e criação de uma identidade visual, desdobrada para redes sociais e para o catálogo. Ajudei também financeiramente, na venda de rifas e contribuí também como mediador da exposição aberta ao público, portanto pude contribuir, aprender e visualizar o processo acadêmico, técnico, de como a matéria decorreu também coletivamente.”

Luna Cristine Nunes da Silva Colazante

“Acho que como qualquer estudante de Museologia, ficamos ansiosos pela nossa primeira exposição. Ela acaba por tornar um divisor de águas daqueles que estão prontos a encarar a realidade e aqueles que ainda se sentem perdidos em meio aos livros e dissertações, buscando um caminho a seguir. Participei de todos os processos museais, mas meu relato em relação a nossa exposição fica focado na visita do meu filho de 3 anos, onde foi surreal e emocionante poder mediar e ter um retorno tão especial de quem ainda está por descobrir o mundo e as suas fragilidades. Ter a possibilidade de poder transformar e construir um mundo melhor não só para ele, mas para todos que estiveram ali, é fundamental para me tornar um bom profissional da Museologia.”

Diego Bryan de Jesus Braga

“Minha experiência com a mediação na exposição foi uma verdadeira troca de informação, e mais gratificante ainda quando interagiam comigo. Na desmontagem foi um misto de sentimentos, de dever cumprido e de dó de desfazer tudo que planejamos em dois semestres em alguns instantes. O Projeto da exposição assim como as atividades educativas, ocorreram de forma profissional, com os resultados alcançados e elogiados.”

Deuzite Santiago da Cunha

“No instante em que decidimos que o essencial da exposição nos representava, todo o resto entrou em perspectiva e nosso trabalho já não era mais uma simples exigência curricular.”

Olga Marmorini de Moraes

AISHA DIÉNE

Formação acadêmica

- Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de Brasília (UnB/PPG-FAU), *em andamento*.
- Mestrado em Antropologia Social - Universidade de Brasília (UnB/PPGAS), 2021.
- Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário de Brasília (UniCeub), 2018.



Formação complementar

- Saúde em Territórios Tradicionais: Tecnologias Sociais em Saneamento, 2021.
- Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social, 2020.
- Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do DF, 2019.
- Compreensão oral: palestras e aulas nível A2 (Inglês), 2017.
- Extensão universitária em III Curso de Extensão Cidade e Urbanismo no Brasil, 2017.
- Illustrator, 2015.
- Extensão universitária em Workshop (Kengo Kuma & Associates), 2015.
- Curso Sketchup e V-RAY, 2015.
- A explosão do palco - Evolução do Espaço Cênico, 2013.
- Extensão universitária em Construção Sustentável, 2011.

Publicações

- DIÉNE, A. A. L.. ?NA FUNÇÃO? - Fotoetnografia de um dia no terreiro de candomblé.. Revista Fotocronografias - Vol. 06 num. 12 -2020- Imagens da religião: paisagens e territórios do sagrado, **Revista Fotocronografia**, p. 16 - 32, 01 jul. 2020.

AZUL RODRIGUES

Formação acadêmica

- Artes Visuais - Universidade de Brasília (UnB), *em andamento*.

Premiações

- Indicada ao Prêmio Pipa, 2023.

Exposições individuais

- "124 córneas e meridianos imaginários" - Museu Nacional da República, Brasília/DF, 2022.

Exposições coletivas

- "Arte, cidade e identidade" - Museu de Arte de Brasília (MAB), Brasília/DF, 2023.
- "Brasília agora" - Galeria Index, Brasília/DF, 2023.
- "Arranjos, memória e esquecimentos" - Nós Galeria da Torre de TV, Brasília/DF, 2022.
- "Projeto Pidecu" - Galeria Decurators, Brasília/DF, 2022.
- Feira de Arte Contemporânea de Brasília (FBAC) - Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2021.
- Feira do Fuga - Ateliê Valéria Pena Costa, Brasília/DF, 2021
- "Arte em Processo" - ADUNB (UnB), Brasília/DF, 2019.



CÁSSIA OLIVIER

Formação acadêmica

- Artes Plásticas - Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, 2022.

Premiações

- Menção honrosa - Festival Mês da Fotografia: A Fotografia e a Semana de Arte Moderna Brasília/DF, 2021.
- Menção honrosa - 1º Festival Dulcina - Galeria de Arte Dulcina de Moraes, Brasília/DF, 2018.
- Menção honrosa - Festival Brasília Photo Show, edição 2018 - Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília/DF, 2018.

Exposições coletivas

- "SerformanceP: 5ª Mostra Internacional de Performance Art." - São Paulo/SP, 2021.
- "BALEIA: Mulheres nas Artes Visuais do DF e Entorno" - Infinu Comunidade Criativa, Brasília/DF, 2021.
- "Baleia Ciclo #2: Heranças Deslembradas" - Brasília/DF, 2021.
- "MeusMedos" - Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2019.
- "Desautorizados", 28ª Mostra Dulcina - Complexo Cultural da República,, Brasília/DF, 2018.
- "...Suspensões..." - Elefante Centro Cultural, Brasília/DF, 2018.
- "Ondeandaonda III" - Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2018.
- "...Suspensões... II" - Espaço Urbanos Observatório, Guará/DF, 2018.
- 1ª Mostra Coletiva de Artes Visuais Dulcina de Moraes - Espaço Cultural Codevasf, Brasília/DF, 2017.
- 25ª Mostra Dulcina - Galeria de Arte Dulcina de Moraes, Brasília/DF, 2017.
- 23ª e 24ª Mostra Dulcina - Galeria de Arte Dulcina de Moraes, Brasília/DF, 2016.
- VII Mostra Coletiva dos Alunos Do Criar - Espaço Cultural Yara Amaral (SESI), Taguatinga/DF, 2008.
- VI Mostra Coletiva dos Alunos do Criar - Espaço Cultural Yara Amaral (SESI), Taguatinga /DF, 2007.



CAUÊ

Formação acadêmica

- Museologia - Universidade de Brasília (UnB), *em andamento*.

Exposições coletivas

- “Mãos para o Alto” - Biblioteca Central (BCE/UnB), Brasília/DF, 2023.
- Feira de foto - Museu Nacional da República, Brasília/DF, 2023.
- Sacolão de fotos - Museu Nacional da República, Brasília/DF, 2022.
- Mês da fotografia - Museu Nacional da República, Brasília/DF, 2022.



DANIEL ARDISSON-ARAÚJO

Formação acadêmica

- Pós-doutorado (Ciências Biológicas) - Universidade de Brasília (UnB), 2016.
- Doutorado em Biologia Molecular - Universidade de Brasília (UnB/PPGBioMol) e Kansas State University, 2015.
- Mestrado em Ciências Biológicas - Universidade de Brasília (UnB/PPGBioMol), 2012.
- Ciências Biológicas - Universidade de Brasília (UnB), 2009.

Formação complementar

- Bases moleculares do controle biológico de insetos, 2010.
- Baculovirus para expressão de ptns heterólogas, 2008.



EDUARDO MORAES

Formação acadêmica

- Museologia - Universidade de Brasília (UnB), 2014.
- Artes Plásticas - Universidade de Brasília (UnB), 2005.
- Comunicação Social - Universidade Católica de Brasília (UCB), 2002.



Formação complementar

- Curso com Nino Cais, 2021.
- Semana profissão artista, 2021.
- Acompanhamento crítico - Impulsos Poéticos - com Gisele Lima e kabe Rodríguez, 2020.
- Acompanhamento crítico com Gisele Lima e Mariana Destro, 2020.
- Laboratório de Projetos com Natália Forcada, 2020.

Exposições individuais

- "Entre tempos" - Projeto ARTESESC, Londrina/PR, 2022.
- "Entre silêncios" - Instituto Bem Cultural, Brasília/DF, 2019.
- "Entre silêncios" - Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2019.
- "Descobertas" - Espaço Cultural do MPDFT, Brasília/DF, 2019.
- "Entre silêncios" - Espaço Piloto, Instituto de Arte (Ida/UnB), Brasília/DF, 2019.
- "Caminhos (re)feitos" - Seção de Cultura MPTDF, Brasília/DF, 2017.
- "Caminhos (re)feitos" - Promotoria de Justiça de Taguatinga, Taguatinga/DF, 2017.
- "Caminhos refeitos" - Galeria de Artes Antônio Sibasolly, Anápolis/GO, 2013.

Exposições coletivas

- "Ilhó - Mostra de novus artistas" - Galeria A Pilastras, Guará/DF, 2023.
- "Sob a luz azul" - Galeria A Pilastras, Guará/DF, 2022.
- "Exposição virtual ITI" - Espaço Itinerante ITI, Portugal, 2022.
- "Exposição coletiva Prabhu e Eduardo Moraes" - Centro Cultural Câmara dos Deputados, Brasília/DF, 2016.
- "La Plata" - Promotoria de Justiça de Ceilândia, Ceilândia/DF, 2016.
- "Convocatória CAL" - Casa de Cultura da América Latina, Brasília/DF, 2014.
- "SEUmuSEU Expoexperimento" - Museu Nacional da República, Brasília/DF, 2013.

Publicações

- **Revista Têmpera**, Vol. 03, Nº 11, Ano 2021. 95 p. [revista online] Grupo Têmpera. Disponível em: grupotempera.wixsite.com/grupotempera/revista-tempera-11.
- **Impulsos Poéticos** [livro eletrônico]: acompanhamento crítico: impulsos poéticos/ Alexandra Martins... [et al.]: curadoria Gisele Lima, Yná Kabe Rodrigues. - 1 ed. - Brasília, DF: A Pilastra. 2021 ISBN.: 978-65-993755-1-4.
- **Descobertas**. Publicação do MPDFT. 1 ed. -Brasília, DF: MPDFT. 2019. 120p.
- FERREIRA, Matias Monteiro (org.). **Vinte, Pintura e Pictorialidade em Brasília**, 2000-2014. Catálogo. Brasília: Tribunal de Contas da União, TCU, Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, 2014. 196p.

LORENI SCHENKEL

Formação acadêmica

- Artes Plásticas - Universidade de Brasília (UnB), 2015.
- Licenciatura em Letras - Unisinos, 1993.

Formação complementar

- Acompanhamento curatorial com Rogério Carvalho, *permanente*.
- Aulas semanais, online, de desenho e teoria da arte com professor Moisés Crivellaro, *permanente*.
- Pintura clássica com modelo vivo, 2022.
- Pintura, grandes mestres do passado, 2022.
- Paisagem com Felipe Salsano, 2021.
- Desenho e teoria da arte, 2021.
- Museu de arte Moderna Creativity Masterclass: Sol na Barriga, 2020.



Premiações

- Menção Honrosa - X Salão Nacional e Internacional de Artes Visuais SINAP/AIAP, 2020.

Exposições Individuais

- "RASGO" - Centro Cultural Santo Amaro, São Paulo/SP, 2022.
- "RASGO" - Galeria Arte e Companhia - Shopping West Plaza, São Paulo/SP, 2022.
- "Aquilo da infância que ficou pelo caminho" - Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2022.
- "Aquilo da infância que ficou pelo caminho" - Espaço Athos Bulcão, Brasília/DF, 2022.
- "Exposição Rasgo" - Teatro Nacional, Brasília/DF, 2019.
- "Exposição Rasgo" - Galeria XXX, Brasília/DF, 2018.
- "Afeto" - Memorial TJDF, Brasília/DF, 2016.
- "Afeto" - Memorial STJ - Superior Tribunal de Justiça, Brasília/DF, 2016.
- "Transmutações" - Café Savana, Brasília/DF, 2016.
- "Mulheres e Flores" - Jardim Botânico, Brasília/DF, 2016.
- "Novos Seres" - Galeria do Senado Federal, Brasília/DF, 2014.

Exposições Coletivas

- "Pan Chené" - Museu dos Correios, Brasília/DF, 2022.

- BSB Plano das Artes - Galeria XXX, Brasília/DF, 2022.
- "NOVOTEL" - Praia de Botafogo, Rio de Janeiro/RJ, 2021.
- COFEN - Conselho Federal de Enfermagem, Brasília/DF, 2016.
- Ateliê Loureço de Bem-Pintura , Brasília/DF, 2016.
- Casa Cor, Brasília/DF, 2015.
- Galeria Stúdio Art M D'Azevedo , Brasília/DF, 2015.
- Biblioteca Nacional, Brasília/DF, 2011.
- Aliança Francesa, Brasília/DF, 2010.

MARIANA VIDAL

Formação acadêmica

- Artes Visuais - Universidade de Brasília (UnB), *em andamento*.

Formação complementar

- Fotografia e Edição, 2023.
- Pintura online com o Professor Moisés Crivellaro, 2021.

Exposições coletivas

- “Teoria da paisagem” - Casa Aerada, Varjão/DF, 2023.
- “Corpo provisório” - Casa de Cultura da América Latina, Brasília/DF, 2023.
- “Arte em processo” - ADUNB (UnB), Brasília/DF, 2019.



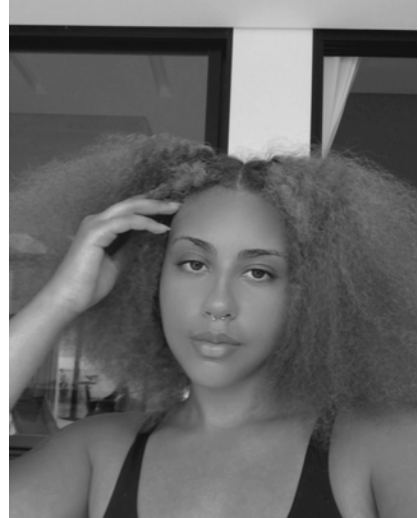
NAT

Formação acadêmica

- Design gráfico - Universidade de Brasília (UnB), *em andamento*.

Exposições coletivas

- Centro de Ensino Médio 304, Samambaia/DF, 2022.
- Galeria de arte Pátio Brasil, Brasília/DF, 2022.
- Festival Maloka Urbana - Casa da Cultura do Guará, Guará/DF, 2022.



PAULA CALDERÓN

Formação acadêmica

- Engenharia Mecânica - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

Formação complementar

- Acompanhamento de processos com Bernardo Magina, 2022.
- Cor e forma, 2022.
- Curso de Planejamento Estratégico com Adriana Braga, 2021.

Exposições individuais

- Señorita café, Galeria Carapebus, Rio de Janeiro/RJ, 2020.

Exposições coletivas

- "Até onde a vista alcança" - Lateral Galeria, São Paulo/SP, 2023.
- Exposição da Biodiversidade do Cerrado - Jardim Botânico, Brasília/DF, 2023.
- "Mistérios do Cerrado" - Galeria LBV, Brasília/DF, 2022.
- 1ª Mostra na Oposta de Arte e Coletividade - Oposta Galeria, Limeira/SP, 2022.
- "2022: Modernismo Contemporâneo e Novos Gritos da Independência" - Lateral Galeria, São Paulo/SP, 2022.
- "Brasília 62 anos" - Espaço Cerrado, Brasília/DF, 2022.
- Exposição coletiva - Infinu, Brasília/DF, 2022.
- "Mulheres" - Ziv Gallery, São Paulo/SP, 2022.
- Exposição coletiva - Infinu, Brasília/DF, 2021.



OBRAS

1. **Aisha Diéne**
Arquiviver, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

2. **Aisha Diéne**
Dá pra ver, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

3. **Aisha Diéne**
Barracão, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

4. **Aisha Diéne**
Cosmoviver, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

5. **Aisha Diéne**
...Daqui, 2019
Fotografia digital
42 x 29,7 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

6. **Aisha Diéne**
A tudo se alimenta, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

7. **Aisha Diéne**
Dia de festa, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

8. **Aisha Diéne**
Na função, 2019
Fotografia digital
29,7 x 42 cm
Série "Arquivivendo
Afrorreligiosidades"

9. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
30 x 30 cm

10. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
30 x 30 cm

11. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
30 x 30 cm

12. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
30 x 30 cm

13. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

14. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

15. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

16. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
59,4 x 42 cm

17. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
42 x 29,7 cm

18. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
42 x 29,7 cm

19. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

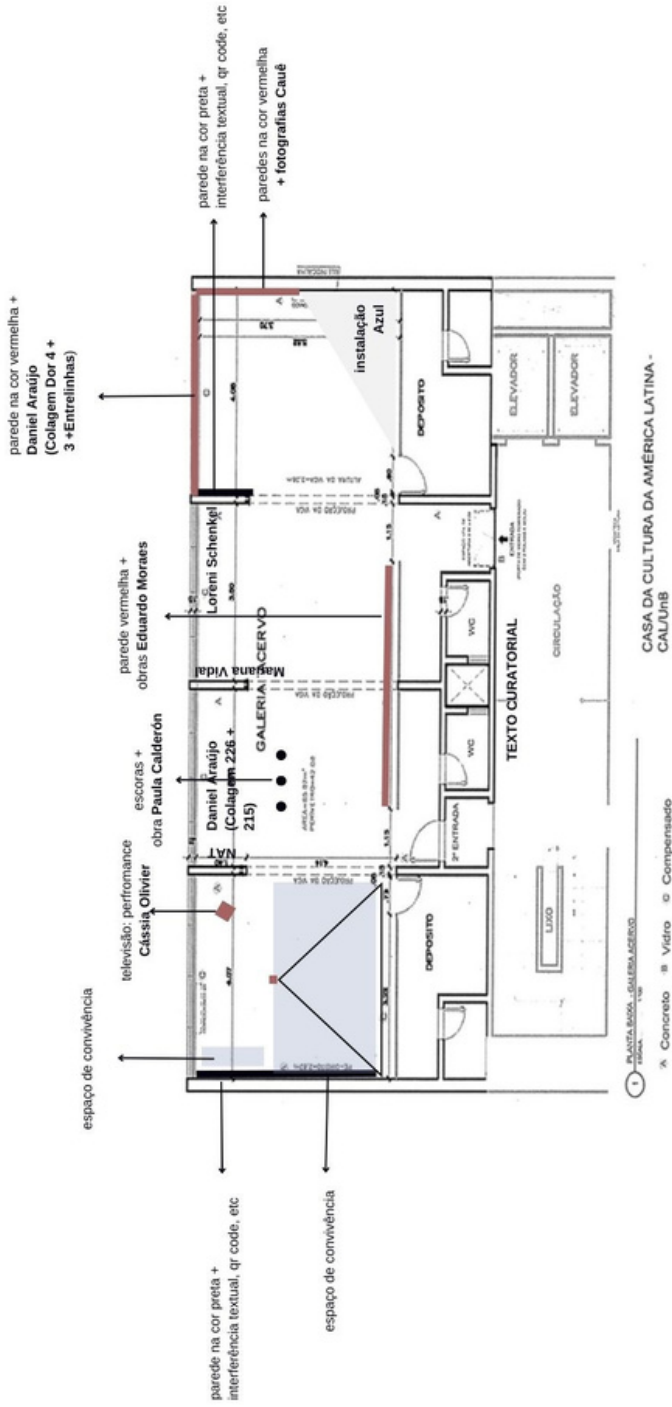
20. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

21. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm

22. **Azul Rodrigues**
Sem Título, 2022
Pastel oleoso sobre papel
8 x 8 cm
23. **Cássia Olivier**
Mar de Rosas, 2021
Performance
Duração: 18 min.
24. **Cauê**
Sem título, 2022
Fotomontagem impressa
em papel photo matte
29 x 39 cm
25. **Cauê**
Sem título, 2022
Fotografia digital impressa
em papel photo matte
39 x 29 cm
26. **Cauê**
Sem título, 2022
Fotografia digital impressa
em papel photo matte
39 x 29 cm
27. **Daniel Ardisson-Araújo**
Colagem 215 - Dor 2, 2022
Colagem manual
29,7 x 21 cm
28. **Daniel Ardisson-Araújo**
Colagem 226 - Seres
Híbidros 3, 2022
Colagem manual
21 x 21 cm
29. **Daniel Ardisson-Araujo**
Colagem 241 -
Entrelinhas, 2022
Colagem manual e linha
29,7 x 21 cm
30. **Daniel Ardisson-Araujo**
Colagem 219 - Dor 3, 2022
Colagem manual
29,7 x 21 cm
31. **Daniel Ardisson-Araújo**
Colagem 221 - Dor 4, 2022
Colagem Manual
29,7 x 21 cm
32. **Eduardo Moraes**
Presente, 2019
Acrílica sobre tela
120 x 100 cm
33. **Eduardo Moraes**
Eu/Você, 2019
Acrílica sobre tela
120 x 100 cm
34. **Eduardo Moraes**
Até quanto?, 2018
Acrílica sobre tela
120 x 100 cm
35. **Loreni Schenkel**
Quem cura?, 2022
Tomografias impressas
sobre papel e colagem
140 x 70 cm (cada)
36. **Mariana Vidal**
Auto, 2022
Oléo, giz pastel e papel
sobre tela
40 x 30 cm
37. **Nat**
Bossy girl, 2022
PVA sobre tela
40 x 40 cm
38. **Paula Calderón**
A flor da pele, 2022
Acrílica sobre papel
30 x 21 cm



PROPOSTA EXPOGRAFIA



REFERÊNCIAS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Definição de Curadoria:** Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança, (n. d.)

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica:** Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. 183f. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. Departamento de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

CURY, Marília Xavier. Museologia e Conhecimento, conhecimento museológico - Uma perspectiva dentre muitas. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**. Brasília, vol. 3, n. 5, mai./jun. 2014.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas - SP: Papirus, 2016. 253 p.

DDC / DEX - SOBRE A CAL. Disponível em: <<https://ddc.unb.br/cal/sobre-a-cal>>. Acesso em: set 2023.

DDC / DEX - SOBRE O ACERVO. Disponível em: <https://ddc.unb.br/acervo-cal/sobre-o-acervo>. Acesso em: set 2023.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvli Libanio. Recife - PE: Companhia Editora de Pernambuco - Cepe, 2020. 258 p.

HALL, Stuart. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, p. 294-334, 2003.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro - RJ: Cobogó, 2019. Ebook. KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2019. 46 p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo - SP: n-1 edições, 2022. 71 p

Ó pai ó. Direção: Monique Gardenberg. Produção: Augusto Casé. Brasil: Globo Filmes, 2007.

QUEIROZ, Marijara Sousa. (META)CURADORIA EM PROCESSOS DE MUSEOLOGIA SOCIAL. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 5, p. 196-212, 2016.

ISBN: 978-65-87555-03-4

CDL



9 786587 555034